O MALHO
25 -- Fevereiro -- 1937
ANNO XXXVI-N 195
Preço 1$200
LUIZ GONZAGA

**SMART**

Contendo 250 modelos de mais interessante variedade. Execução simples. Modelos distinctissimos para senhoras, mocinhas e creanças. Um figurino que satisfaz aos mais exigentes gostos, pela sua excellente escolha.

**STAR**

52 paginas — 32 em preto e 20 a côres, mostrando notavel variedade de modelos da mais requintada elegancia e simplicidade. A ultima palavra da moda. Desenhos impeccaveis. Para senhoras, mocinhas, noivas, etc.

**L'ENFANT**

A mais encantadora collecção de modelos para mocinhas, creanças e bebés. Um conjuncto completo das ultimas creações. Mais de 200 modelos simples, praticos e elegantes, dos quaes innumeros coloridos. Um figurino somente para creanças.

**STELLA**

56 paginas repletas dos mais interessantes modelos para senhoras, moças e creanças, para todos os fins. Uma variedade inesperavel, acompanhada de um grande molde. Muitas paginas a côres. Um figurino que satisfaz a todos.

**IRIS**

Uma escolha caprichada e completa dos mais elegantes modelos ineditos. Elegancia e simplicidade em todos os modelos que apresenta, para senhoras, moças e creanças. Innumeras paginas a côres.

**L'ÉLEGANCE FÉMININE**

Elegancia e sobriedade em todos os seus modelos, apresentados em 40 paginas que mostram fielmente o melhor das ultimas creações, para senhoras, moças e creanças. Parte das paginas, a côres. Um figurino completo.

Á Venda em Todas as Casas de Figurinos, Livrarias e Jornaleiros

Distribuidora Exclusiva no Brasil
SOCIEDADE ANONYMA
**"O MALHO"**
Travessa Ouvidor, 34-Rio

# O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000 / Semestral . . . . . 30$000

Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34

Teleph. 23-4422 / 22-8073 — CAIXA POSTAL 880

RIO DE JANEIRO


## ORIGINAES E PHOTOGRAPHIAS

Os originaes literarios ou photographicos, enviados a O MALHO, mesmo não publicados, não serão, em absoluto, devolvidos.

## O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

UMA VIDA DE POETA
Versos de Murilo Araujo — Illustração de P. Amaral

LIVROS...
Chronica de Leonor Posada — Illustração de Fragusto

O HOMEM, A MULHER E O CAVALLO
Sketch de Renato Homem — Illustração de Cortez

PRUDENCIO
Conto de João Bussili — Illustração de Cortez

MAROMBANDO...
Chronica de Maria da Silva Britto — Illustração de Luiz Gonzaga

SAIAS E CALÇAS
Pensamentos de Berilo Neves — Bonecos de Théo

PARNASO FEMININO
Versos de Arlette Corrêa Netto, Corina Rebuá, Lilinha Fernandes e Idalina Peçanha Dias — Decoração de Fragusto

## SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA

DE TUDO UM POUCO — Por Sorcière

PARA A GALERIA DOS "FANS" - Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA - Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que... — Jogos e Passatempos — O Mundo em Revista. — Caixa d'O MALHO.

## SORTEIO DOS PREMIOS DO CONCURSO ALBUM DE POESIAS

Realiza-se hoje, ás 14 horas, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, á Av. Rio Branco n. 118 — 1.º andar — o sorteio dos premios do Concurso ALBUM DE POESIAS, cuja troca de mappas foi hontem encerrada.

O sorteio é publico, e estão convidados a assistir todos os interessados. Será empregado o systema Fichet e estará presente o Sr. Fiscal do Governo Federal, devendo apparecer o resultado, com a relação completa dos numeros premiados, na edição de amanhã do *Jornal do Brasil* e no proximo numero de O MALHO.

## O DR. PAULO FILHO NA BAHIA

Dois aspectos da passagem pela Bahia, do Dr. M. Paulo Filho, director do "Correio da Manhã" e vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa, ora em viagem para a Europa, quando os jornalistas daquella capital lhe prestaram significativas homenagens, uma das quaes constou da inauguração do serviço telephonico para a cidade de Santo Antonio de Jesus.

# LIVROS NOVOS

## UM VIOLINO NA SOMBRA

O sr. Guilherme Figueiredo lançou á publicidade um volume de poesias intitulado — "Um violino na sombra".

Estamos deante de um poeta que cultiva o lyrismo á antiga, dentro de versos rimados e medidos.

Parecerá a muitos *demodé*, mas é encantador.

Sua poesia não terá, talvez, um vigor capaz de arrebatar os que a lerem ou ouvirem, mas é cariciosa, plena de graça e emoção.

Quem quer que leia os poemas de — "Um violino na sombra" — não experimentará uma decepção. colherá, ao contrario, maravilhosas pepitas lyricas, versos realmente formosos que cantam aos ouvidos e falam á alma.

O volume é uma elegante edição de "Pongetti".

## A ARTE DE EMBELLEZAR

A belleza feminina continua a exigir de todos os seres, aquelle tributo que a sua impiedade tornou eterno e que o mysterio de sua graça como que divinisou.

Favorecida cada dia mais pela civilização e pelas conquistas liberaes, a mulher na sua ansia de belleza e de perfeição, dilatou os seus caprichos e como as suas avos do Oriente, reclama em torno de si todas as attenções.

Dotada de uma personalidade muito mais evoluida, a mulher moderna embora capaz de competir com o homem não esqueceu que a sua missão mais importante é tornar-se cada vez mais formosa.

Aliás, neste particular é que está o segredo dominante do seu poder e é para mantel-a que, em toda parte do mundo, as intelligencias mais peregrinas, vivem creando as cousas mais extraordinarias.

Para exemplo basta ver o que vale a alta costura e os perfumes, n'uma palavra a industria do luxo e da elegancia.

Os productos Satan, que o Laboratorio Albers de São Paulo, acaba de lançar com promissor successo, são mais uma prova de que os bons artigos destinados á mulher não escapam a sua aguda sensibilidade.

Guarde o nome Satan e dê-lhe preferencia para sua agua de Colonia, seu rouge, seu dental e seu esmalte.

## LAMPEÃO DE GAZ

Colombina é uma poetisa brasileira que mereceu a consagração da critica, desde quando publicou o seu primeiro livro — "Em la menor".

Publicando "Lampeão de Gaz", seu successo não será menor. Porque, como naquelle outro volume, neste transparece a mesma ternura. Um pouco de melancolia, um pouco de amargura, mas tambem uma serenidade superior dão um colorido especial aos versos de "Lampeão de Gaz".

Colombina dedicou-os aos namorados de hontem, de hoje e de amanhã. E estes, que, segundo Bilac, têm ouvidos até para escutar estrellas, têm comprehensão tambem para sentir e apreciar esses poemas cheios de sentimento.

## IMAGENS E POESIAS

O sr. Augusto Accioly Carneiro publicou, ha tempos, um livro que foi muito bem recebido pela critica — "Os Penitenciarios" — um estudo sobre a vida nas prisões, reunindo uma vasta serie de informações sobre os differentes regimens penitenciarios em diversos paizes e épocas; analyse da alma dos condemnados; legislação, etc.

Agora, o sr. Augusto Accioly Carneiro, deixando de parte essas g r a v e s locubrações scientificas apparece-nos travestido de poeta, com o livro "Imagens e Poesias".

Traz prefacio do sr. Afranio Peixoto e o volume é bastante agradavel de feitura, valorizado pelos excellentes desenhos de Oswaldo Teixeira.

O autor apresenta a sua poesia como parnasiana, mas parece muito influenciado pelo modernismo... Sua linguagem é bem pouco accessivel.

## COLONIAS DE FÉRIAS

O prof. João de Camargo creou, com a Colonia de Férias de Paquetá, uma das obras mais interessantes e mais uteis que se têm realizado em prol da creança no Brasil.

Batendo-se pela difusão dessa obra, por todos os cantos do paiz, esse sincero idealista acaba de publicar um pequeno volume em que mostra a significação dessa obra, divulgando os aspectos da que elle realizou em Paquetá. Nesse volume estão transcriptos artigos, reportagens, referencias, hymnos, poesias, etc., sobre a Colonia de Férias de Paquetá.

SHANGAI E A BUTTERFLY...

Uma porção de cavalheiros que escrevem coisas muito certas e muitos pensadas, mas que talvez pór isto fiquem desconhecidas, encontrou, por occasião do ultimo Carnaval, um motivo de profundas recriminações.

E' que uma das composições de maior successo do anno — a marcha "Lig-Lig-Lig-Lé" — fallava que o chinez não ia mais a Shangai buscar a sua "Butterfly", uma vez que fizera fé com uma morena...

E deitaram erudição, dizendo um delles que a "Butterfly" era japoneza e não podia, portanto, estar em Shangai, na terra dos mandarins.

Na realidade, é bem possivel que em Shangai haja mais japonezas do que chinezas, pois se trata de uma cidade internacional, onde se abrigam povos de todas as procedencias.

Mas, ahi, derrubando essa hypothese, surge um outro com a questão social, o odio, entre o imperialismo nipponico e a China espesinhada, que não permitte a união de um homem e uma mulher que hajam nascido nois dois paizes.

Um outro, ainda, salientou o phenomeno geographico da transposição de uma cidade continental para um archipelago, como se deu no caso.

São, como se vê, reparos transcedentes, destinados a esmagar a ignorancia do autor de semelhante barbaridade e a mostrar ao povo que elles é que sabem...

Não viram, em primeiro logar, que uma letra carnavalesca ali é um indice de orientalismo e que o romance do tenente Pinkerton, da armada americana, tanto podia ter sido no Japão, como na China, onde as mulheres usam nomes symbolicos de flores, aves, etc.

A rigor, Butterfly é uma palavra ingleza e o facto da opera ter como personagem uma japoneza, não quer dizer que não pudesse haver uma "borboleta" chineza...

E não viram, ainda, ou não quizeram ver, que quem escreveu as palavras de "Lig-Lig-Lig-Lé" foi um cidadão que já publicou tres ou quatro livros, que tem passado a sua vida escrevendo em jornaes e revistas, redigindo, actualmente, a secção de radio d'O MALHO...

Tendo adherido ao radio e á musica popular, que dominam a época, elle apenas optou por um ramo de actividade mental mais facil e mais lucrativo, para quem é capaz de realisal-o com exito.

Não foi nenhum sambista analphabeto, incapaz de abordar themas inexplorados...

O povo, comprehendendo o Chinez que foi a Shangai buscar a "Bôtterflay", deu prova de uma intelligencia que os sabichões deviam invejar, na sua burrice letrada...

Oswaldo Santiago

Desfile de Astros

ORLANDO SILVA

— Perfil "aberto" p'ro dito
— Quando te escuto cantar,
Eu rogo a São Benedito
P'ra que te faça parar!...

— Tua voz — é mais um grito
De quem não sabe gritar!...
— O grito vem todo afflicto
Procurando se ageitar...

— Mas... quem disse que se ageita?!...
— És um caso liquidado.
— P'r'o teu mal... não ha receita...

Quem é bom já nasce feito
— É um dictado confirmado...
— Mesmo assim... não tomas geito!..

OLAVO



MODA E BORDADO é o guia da elegancia feminina. E' um figurino indispensavel em todos os lares.

**RADIOLETES**

— Silvinha Mello já reassumiu o seu posto no "broadcasting" carioca, pretendendo lançar varios numeros ineditos.

— Herminio Barroso Pereira de Mello. Sabem quem é? Pois é o Harry Mills, cantor de melodias americanas, que elle interpreta no idioma original.

— Luis Lamego, escriptor, medico e poeta, tem um novo livro publicado. "Arvore triste", é o seu titulo. Luiz Lamego já tem escripto varias letras para musicas de Paulo Barbosa.



— Mais um compositor de merito real vae ser conhecido, dentro em breve. E' Olival Leitão, que possúe lindas valsas e canções para gente de bom gosto.

— Depois que deixou o radio, Heloisa Helena já emagreceu um bocado. Será que o ar dos studios lhe faz bem á saude?

— A revista "Voz do Radio" não tem circulado. Silvestre Filipi tenciona, entretanto, não deixar que ella desappareça.

**NOTAS FÓRA DA CLAVE**

— Paulo Roberto é quem está aguentando a "Hora H", da "Cruzeiro do Sul", emquanto Ary Barroso descança o "Taboleiro" em São Lourenço...

— Os primeiros discos para o Carnaval sairam em Dezembro. Pois o chronista d'"A Noite", que assigna Fred, affirmou, ha dias, que ha mais de seis mezes que elles vêm sendo irradiados...

— Lamartine Babo esta annunciando a publicação do seu livro "Lamartinadas". Vae ser muito cantado... quer dizer... vae ser muito lido o seu trabalho...

— Uma revista noticiou em titulos sensacionaes que Eladir Porto voltou a actuar ao microphone. O que é que estão dizendo? Voltou de verdade?

— Na Parahyba, n'um concurso para "speakers", houve quatro candidatos julgados capazes. Será que aqui se encontrariam tantos?

**BRÉQUES**

De volta de Buenos Aires, onde foi irradiar o jogo argentinos-brasileiros, Ary Barroso dava suas impressões n'uma roda:

— Elles lá chamam os torcedores de "hinchas". Mas nós é que sahimos "inchados"...

— Já viste o automovel que o Barbosa Junior comprou?

— Ainda não. E para que elle precisava de um auto?

— Com certeza, para fazer a graça de atropelar os outros...

**PRATA DE CASA**

As estações brasileiras não precisam mandar buscar cantores de tangos em Buenos Aires, a não ser que se trate de celebridades authenticas, sempre que Mauro de Oliveira esteja disponivel. E' elle um interprete que satisfaz os mais exigentes, possuindo uma dicção clara e uma pronuncia correcta do castelhano que se falla lá para o sul, com suas modificações regionalistas. Mauro de Oliveira é artista exclusivo, actualmente, da "Radio Nacional", tendo feito o seu nome nesse collegio de astros de radio, que tem sido o "Programma Casé".

# Caixa d'O Malho

**Stella** (Rio) — Sahiu a sua reportagem — não viu? Estou esperando as illustrações da outra. A respeito do conto, achei-o realmente muito longo e artificioso. Não é pela inverosimilhança do enredo: é pelas attitudes dos personagens, pelas scenas que não têm naturalidade. Outro defeito a corrigir: a senhora está sempre a escrever o que pensam as suas personagens, o que torna ainda mais monotona a leitura. Não digo essas coisas por mal, mas no desejo sincero de que progrida e produza alguma coisa mais perfeita.

Sua carta continúa aqui. Se não interessa em recebel-a, avise que eu immediatamente lhe dou um destino certo: cesta.

**Oliveira Sobrinho** (João Pessôa) — Mandaram para cá o seu cartão e o seu topico. Não acha demasiadamente tarde para publicarmos o necrologio de Alberto de Oliveira? Eu acho.

**Orlando de Moraes** (Recife) — Será publicado o melhor — "Em busca do alcantil".

**Pitanga Filho** (Nictheroy) — Homem, para falar-lhe com franqueza, seus dois contos são igualmentes ruins. Faz pena imaginar o trabalho perdido em escrever e copiar umas historias tão pueris, não obstante o seu esforço para dar-lhes um ambiente dramatico.

**Fiorellin di Siepe** (S. Paulo) — Bôa, tambem, esta remessa. Agora vamos cavar espaço, para os velhos e os novos trabalhos.

**T. Y. S.** (S. Paulo) — Creio que já respondi, mas não me custa a repetir que nada se póde aproveitar.

**Agenor Camargo** (Pouso Alegre) — Sinceramente, V. acha que, publicada a sua chronica, compensaria o tempo que se gasta em lel-a? Eu dispenso a **réclame.**

**Alipio** (Rio) — Recebi, sim. Estou esperando organizar uma pagina de versos humoristicos para incluir o seu soneto. Temo, porém, que, quando o tiver conseguido, haja passado a opportunidade.

**Cid** (Rio) — Desculpe a demora. V. tem razão, mas a pronuncia corrente é a esdruxula. Guardei seu soneto para a primeira opportunidade.

**H. Eliesse** (Rio) — Tenho os originaes approvados numa pasta apropriada, na redacção d'O MALHO. E eu estou aproveitando a folga de um domingo para pôr minha correspondencia em dia. Dar-lhe-ei a informação que me pede noutra occasião. O ultimo terceto de "Eu tambem ouço estrellas" está pedindo mais sal. Em "Confidencia", ha este verso que não sei como concertar: "Se não mais a tocasse os meus labios sedentos".

**Castanheira Filho** (S. João d'El Rey) — A falta de espaço aqui tornou o accesso por essa via um tanto difficil. Fazendo uma selecção nos seus sonetos, escolhemos para publicar "Meu pae". Não poderiam ser todos.

**Dr. Cabuhy Pitanga Netto**

MATERNIDADE ARNALDO DE MORAES — Grupo de pessoas que assistiram á tradiccional e festiva solemnidade do levantamento da cumieira, na Maternidade Arnaldo de Moraes, o modelar estabelecimento hospitalar que esse conceituado professor e gynecologista está fazendo construir á rua Frederico Pamplona em Copacabana.

Banho a phantasia no Posto 6, Copacabana, vendo-se o verdadeiro formigueiro humano formado pelos banhistas.

# ECHOS DO CARNAVAL

Tres pequenos foliões que se divertiram como gente grande.

Duas hawaiianas e um fugitivo de uma Casa de Saúde...

# divagando...

> Os bohemios vão cantando
> Pelas estradas reaes,
> Emquanto o sol descambando
> Doura as altas cathedraes.

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

— disse um poeta brasileiro que, como todos os poetas, sentiu inexprimivel encanto por esses seres errantes e mysteriosos. A observação tentando definil-os, envereda-se em conjecturas enrodilhadas, de que ella mesma não póde libertar-se, emquanto elles continuam vagabundeando pelos caminhos aridos da vida sem destino, sem estimulo e sem ideaes.

A nossa imaginação que se irrita com a verdade desoladora das coisas humanas, obstina-se a envolvel-os numa poesia que elles não têm, e não conseguem comprehender. Musicos, escriptores, trovadores, dedilham as cordas da sua lyra, para glorificar esses entes estranhos, que a rua attrahe como os passaros são attrahidos pela serpente. E' nella, que a sua mente abstracta busca a recompensa e o repouso. Habituados ao giro precipitado do vento, e ás caricias bruscas do sol, o seu corpo escuro, rude e primitivo, já não lhes soffre a inclemente aspereza nem o ardor inflammado. E vão aos magotes, indigentes, immundos, sem a alegria os surprehender com o leve roçar de um fugitivo sorriso. Elles que accendem uma scentelha genial no cerebro predestinado dos artistas, permanecem insensiveis perante as bellezas de que são inspiradores.

De onde vêm? Onde se alojam? Que força desconhecida os impelle para este ou aquelle ponto? Quando necessitam ficar algumas horas em qualquer recinto, sentem-se oppressos, nervosos, e o seu corpo procura a liberdade dos campos, onde o sol aquece sem predilecção palacios e casebres. Ha nelles um amalgama de selvagens e de civilisados. Para que trabalhar, luctar, aperfeiçoar-se, se lhes é sufficiente um montão de palha ao relento, e o alimento pilhado nos quintaes e nas hortas? O homem, ao seu ver, deve contentar-se com o ar puro e o perfume agreste dos bosques.

— "Somos os filhos do vento e como elle percorremos a terra" — dizem elles e com isto têm desnorteado sabios e historiadores. Alguns julgam-nos oriundos do Egypto, outros da Bohemia, e a lenda velando tudo com o seu manto de luz, fal-os expiar o castigo a que os condemnou um antigo rei da Bohemia. Como Ahasverus amaldiçoado por Christo, elles caminham tambem sem cessar pela superficie aspera do globo. Fieis aos ritos da sua raça, apenas os soberanos eleitos por elles, no centro augusto das florestas, lhes dão a illusão de uma verdadeira magestade, á qual se devem curvar sem contestação nem protestos. Naquelle instante supremo, os chefes de todas as tribus, ali reunidos, voltam-se tres vezes para o lado do Oriente, e tres vezes ajoelham deante das tres estrellas luminosas que lhes ampararam os primeiros passos. Nada os prende á terra, onde nasceram, emquanto as caravanas faziam uma espera impaciente de vinte e quatro horas.

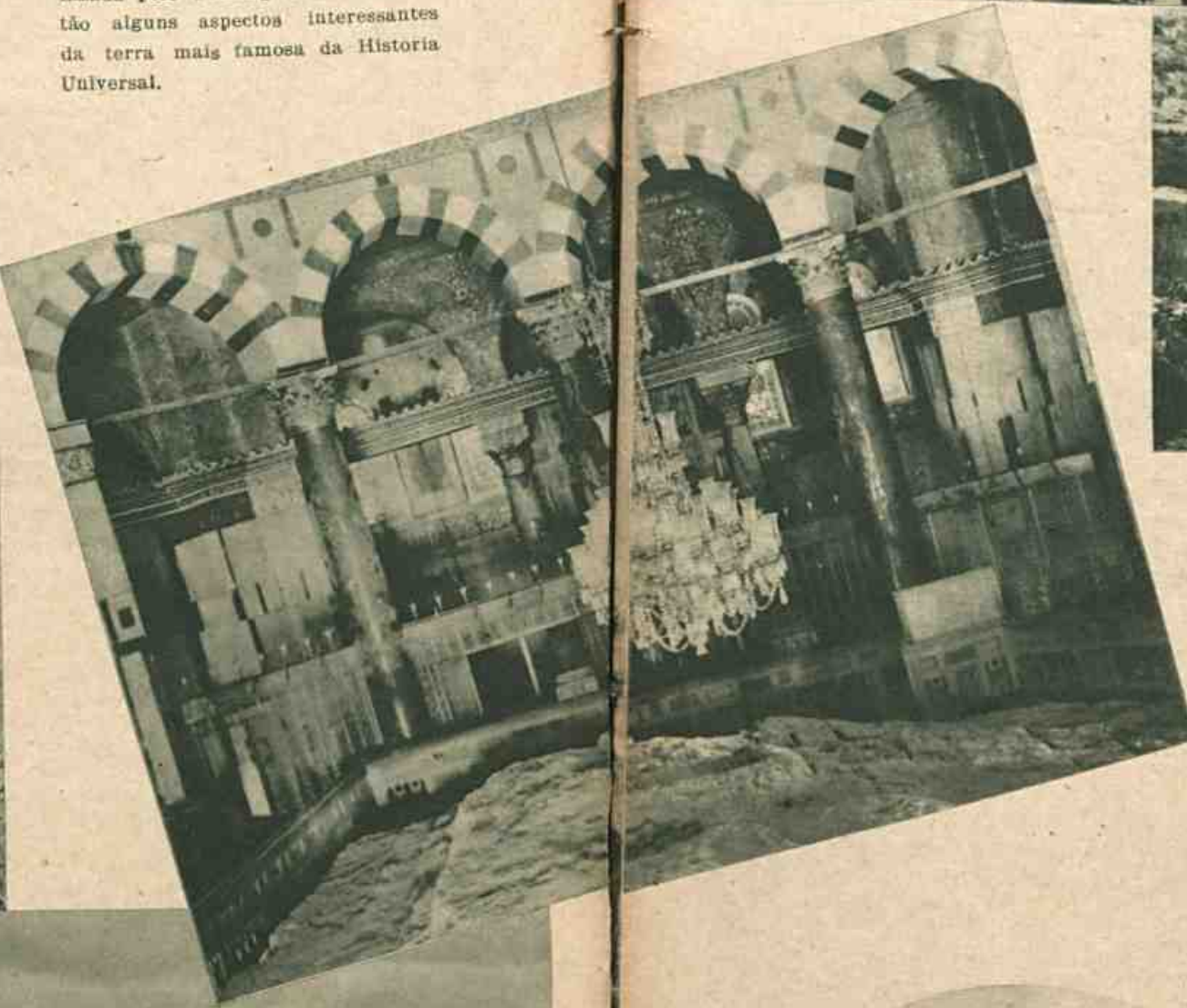
Essa ou qualquer outra, pouco importa, visto nada os interessar a não ser a luz clara do dia, o rio que fulgura ao longe, o astro que do alto lhes acena. Que lhes faz pertencer a este ou áquelle logar, se não ha patria que os acorrente ou peito que os faça palpitar? Os seus pés incansaveis marcham sempre com a perseverança silenciosa das formigas. Ha entre elles, a ligal-os como uma religião, uma solidariedade inquebrantavel, que lhes não permitte deslealdades nem negligencias. Aquellas physionomias maceradas, não revelam aspirações de paz ou de bem-estar. Embora Esmeralda e Mignon sahissem das suas hostes, é impossivel distinguir nessas mulheres desgrenhadas, aquellas visões magnificas que nos acalentaram a phantasia... E' impossivel descobrir nessas creaturas atafulhadas de trapos multicores, com o lenço amarrado na nuca, as fulgurantes heroinas que a poesia engrandeceu e a musica embalou em seus rhythmos seductores. A cigana romantisada pela intelligencia dos artistas, incendiando os corações no braseiro machiavelico dos seus olhares deslumbrantes, suggere-nos a desconfiança e infunde-nos o terror.

IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

# Palestina, Berço do Christianismo

A mais celebre região do mundo é, sem duvida, aquelle trecho da Asia Menor que deu á humanidade um novo Deus. A Palestina, embora cortada de ferrovias, ainda conserva o perfume sagrado da Tradição, velha de quasi 2.000 annos. E' essa região de prestigio millenar que um grupo de brasileiros vae visitar, em abril proximo, numa excursão organizada pelo Touring Club. Aqui estão alguns aspectos interessantes da terra mais famosa da Historia Universal.

A famosa mesquita de Omar.

Vista panoramica da cidade de Bethlem onde nasceu Nosso Senhor.

A Cidade da Virgem (Nazareth)

O mar da Galilea

Vista geral de Tiberiade, vendo-se ao fundo o celebre lago.

O Monte Calvario, em Jerusalem

A Igreja da Agonia, em Jerusalem.

Um trecho do rio Jordão, em cujas aguas foi baptisado Jesus Christo.

*Marcel Proust n'uma rarissima photographia, tomada em seu leito de morte.*

GALVÃO DE QUEIROZ

# Proust e o Amor

QUELLA velha maxima "cada cabeça, cada sentença", de que tanto gostavam os antigos, tem, em questões de amor, a mais intensa applicação. Cada um de nós, homem ou mulher, tem, para seu uso, uma differente e personalissima concepção desse sentimento, e todos achamos que aquella é que é a verdadeira, a unica, com força de lei e qualidades axiomaticas.

Consultemos o philosopho, o poeta, o homem de sciencia, o operario, o analphabeto — e cada um delles nos terá a expôr uma theoria sobre os problemas graves do afecto e as questões delicadas do coração.

Não me parece que haja, entretanto, quem tenha, até aqui, com tanta segurança, com tamanha figura e subtileza, exposto uma theoria sobre o Amor como Marcel Proust, segundo a interpretação de André Maurois na palestra que este realisou recentemente sobre o autor de "La recherche du temps perdu."

Estudando as heroinas de Proust, o agil espirito de Maurois penetra a fundo o seu modo de encarar o Amor, através seus livros e de accordo com os passos, attitudes e sentimentos de seus personagens.

Para Proust, nenhuma preponderancia existe, para que surja um grande afecto, no objecto desse afecto mesmo.

Conforme as circumstancias em que nos encontramos, qualquer criatura nos póde despertar um grande amor, uma ardente paixão. Porque o que nós amamos na mulher não é a sua personalidade mais a idéa que fazemos délla, o mytho que creamos em torno délla, pelo milagre da imaginação excitada.

O que se passa na vida real — para Marcel Proust — é que em determinados momentos de nossa vida nós nos achamos em verdadeiro estado de receptibilidade, da mesma fórma que, em certos momentos de fadiga e fraqueza, estamos á mercê do primeiro microbio que nos assaltar o organismo.

No momento em que experimentarmos a mysteriosa necessidade de um encontro, qualquer creatura que surgir nos despertará paixão. E' que o nosso amor erra á procura de um ser sobre o qual possa fixar-se. A comedia — ou a tragedia — está architectada e só falta a actriz que venha desempenhar o principal papel.

Virá uma bôa artista? Se sim, tudo correrá bem. Se não, ella será substituida, como no theatro, onde o mesmo papel póde ser representado, com exito, por varias pessôas.

A mulher cujo rosto temos sempre á nossa frente, como a luz que nos allumia, essa mulher *unica*, bem sabemos que seria uma outra se estivessemos em outra cidade, que teria sido uma outra se tivessemos passeiado em outros bairros, se frequentassemos outro salão.

Durante muito tempo, entretanto, é *insubstituivel*.

E' que ella não fez mais do que suscitar, por uma especie de appello magico, os varios elementos de ternura existentes em nós em estado fragmentario, reunindo-os, juntando-os, apagando toda scissura existente entre elles. E fomos nós mesmos quem, fornecendo todos esses elementos, lhe demos toda a materia solida da "pessôa amada", que ella encarnou em si".

Geralmente nós nos recusamos a acceitar verdades como estas. Repugnam-nos. Desagradam-nos.

Mas se nos puzermos, lealmente, a discutir o assumpto com a propria consciencia, acabaremos por concordar.

# Rua dos Suburbios

A minha namorada
E' uma rua sem nome
Que desce, preguiçosa,
Lá do alto de um vasto capinzal
E fica debruçada
Sobre o leito da estrada
Da Central
Quando, á noitinha
O trem em que eu viajo passa
Tirando uma fumaça--
Typo do funccionario,
Que não respeita ordens, nem signaes
Ella - embandeira o fundo dos quintaes.
E fica me espiando,
Piscando
Para mim os olhinhos
Dos seus bicos de gaz.
Diz-me um adeus,
Agitando os dedinhos
Das folhas das bananeiras.
E depois vae dormir
Sob os accordes languidos de um violão
Ou o latido de um cão.
Uma noite
Eu vi alguem passar n'aquella rua;
Era a lua...

*Luis Peixoto*

# A segunda mocidade

A ladeira, aquella noite, parecia não acabar mais.

João Duncan, offegando e exhausto, chegou, finalmente, ao portão de sua casa.

Havia passado, como todas as noites, pelas mesmas ruas, e havia tomado o mesmo bonde, e cumprimentára os mesmos visinhos. A sua vida era uma eterna repetição.

Só progredia o seu cansaço cada vez maior e só augmentava o seu desanimo de viver. Sentia-se envelhecido antes do tempo, roubado na sua mocidade, por uma existencia monotona como o "tic-tac" de um relogio de parede.

Iria dormir, para acordar, de manhã, ás mesmas horas.

Desceria, então, pela mesma ladeira, dobraria a mesma esquina, e esperaria o mesmo bonde, e até o conductor e o motorneiro o receberiam com a mesma cara.

Na sua casa commercial — uma pequena papelaria de uma ruasinha triste e quasi sem movimento — elle daria bom dia aos empregados: ao Antonio, magro, esqueletico, eterno na sua feiura como na sua bronquite, e ao José, de grandes pernas preguiçosas e de gestos lentos e modorrentos, com o seu aspecto de fome e de somno.

Os empregados, a papelaria, e a rua em que se achavam, tinham esse ar de parentesco reciproco que as criaturas ganham em contacto com as coisas, e as proprias coisas parecem conservar da physionomia das pessoas que as cercam.

A pequena papelaria e os seus empregados, a rua e os seus raros transeuntes eram muito semelhantes, e tinham o mesmo ar de familia, uma familia monotona e mal tratada como o bocejo de um desdentado.

João Duncan abriu o portãosinho de sua casa, que fez o mesmo rangido de todos os dias. Até o portãosinho não alterava as inflexões de seu gemido, que era egual ao da vespera, e egual ao de amanhã...

— Boa noite, "seu" João...

Era a preta velha que o servia, recordação da familia desapparecida, da mulher morta muito moça sem lhe deixar filhos.

— Posso pôr a sopa na mesa?

Ha quasi vinte annos que ella fazia a mesma pergunta ás mesmas horas. João Duncan já não a ouvia mais. Tinha, porém, a resposta automaticamente preparada.

— Póde...

Foi ao quarto. Vestiu o pyjama. Apanhou os jornaes e dirigiu-se á mesa. Abriu-os ao lado da sopa fumegante que já o esperava. E sentou-se sob a lampada fraca que ainda mais fatigados fazia os seus olhos.

Ainda não acabára a sopa e já havia se fartado dos crimes do dia e das photographias espectaculosas dos desastres e das victimas sangrentas.

Era a sua distracção, a unica distracção de seus dias eguaes.

Aquelles jornaes, que lhe traziam, á vida solitaria, a voz do mundo, elle os lia até o fim, sem deixar uma noticia e um facto pelo habito que adquirira da meticulosidade. Até nos annuncios de cinema elle se detinha, principalmente quando o retrato de uma mulher bonita, semi-despida, parecia lhe estar sorrindo . . .

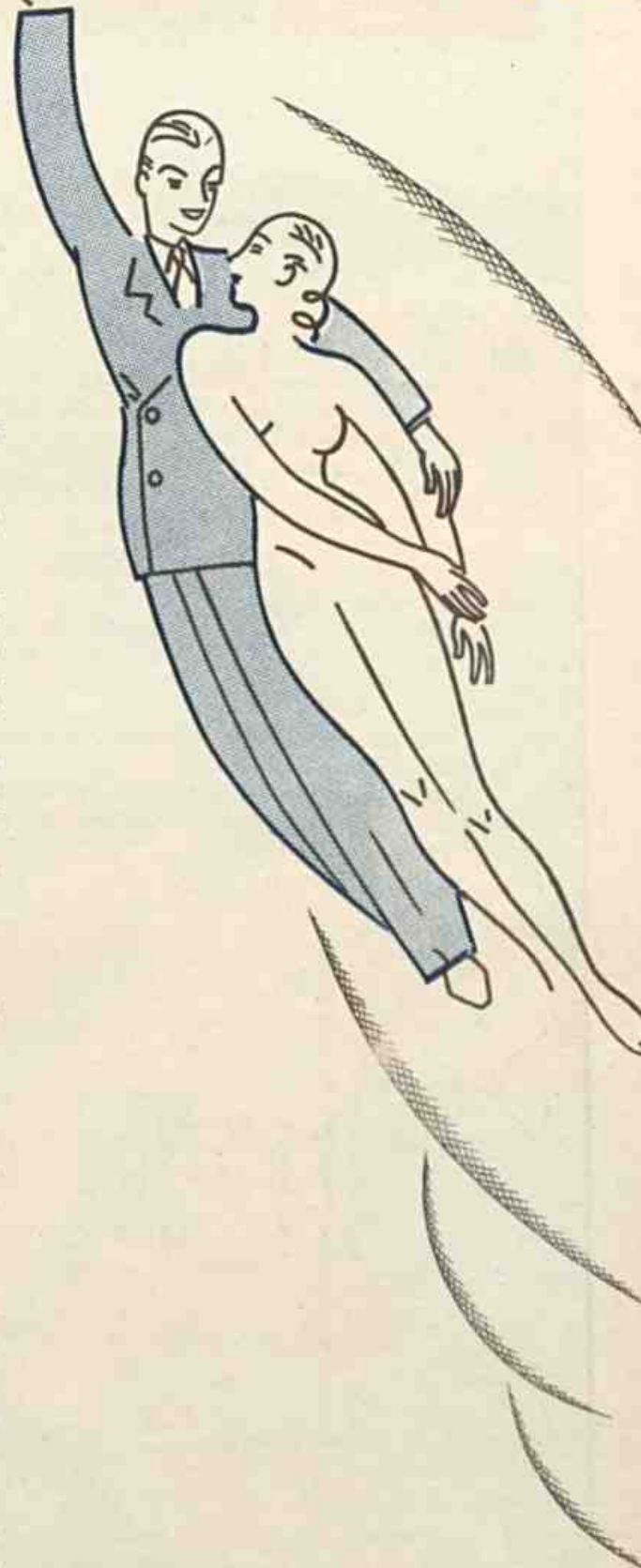
— Nhá Theodora!

— Que é patrão?

— Póde trazer o café...

— Já vae...

Era o seu unico luxo. Pedia o café quando bem entendia. O O bonde, a loja, a sopa, tudo estava dentro de um horario imutavel.

Só no café, no café que a preta velha sabia fazer saboroso, é que dava liberdade á sua fantasia... Era o momento unico em que elle se sentia dono do mundo. João Duncan aproveitava, com deli-

# de João Duncan

cias, estes instantes de dominio absoluto. E fazia a voz firme e autoritaria, como se fosse a voz de commando para um exercito inteiro:

— Póde trazer o café . . .

Sinhá Theodora trazia a chicara, e a enchia de bom café perfumado, como se praticasse um sacramento. E João Duncan, que levára toda a refeição lendo os jornaes, suspendia a leitura, numa homenagem áquelle momento em que elle era finalmente livre e dono de si mesmo.

— Não "percisa" mais nada?...

— Não, "nhá" Theodora, póde se deitar...

— Boa noite, patrão...

— Boa noite...

Ficou só. Apanhou novamente os jornaes. Mas os olhos fracos estavam, agora, turvos. Não insistiu.

Levantou-se. Da sala de jantar, em poucos passos, estava no seu quarto. A sua casa era pequena, mas ella lhe pareceu muito grande, muito deserta, muito vasia.

Pela janella da frente, subia a canção triste de um radio da visinhança.

Duncan já estava habituado á solidão. Mas, aquella noite, sentiu-se só, muito mais só, ainda mais só do que nos outros dias.

Uma tristeza nova e quasi boa foi lhe invadindo a alma de homem cansado de mediocridade e de isolamento.

A melancolia, essa magua feliz, inedita, para elle, descia, como uma cerração, sobre a sua paysagem interior.

E elle teve a revelação de um sentimento inesperado, como se fosse a vinda de uma segunda mocidade, que lhe trouxesse a inquietação, as incertezas e os desejos repetidos de uma extranha adolescencia.

Recostou-se na cama, na sua cama de homem só, e deixou-se invadir por todos os pensamentos que rasgavam, pela primeira vez, o seu cerebro.

Aquelle novo sentimento trazia uma luz nova á sua imaginação, até então adormecida.

O seu espirito, que estava ha annos coberto de monotonia, e pela existencia chronometrica da hora do bonde, da abertura da loja e da hora do jantar, começou a sentir a viração dos pensamentos ligeiros e a aragem das grandes alturas e dos sonhos claros.

Um raio de sol parecia ter se infiltrado no seu coração.

João Duncan abriu o peito para respirar melhor.

E achou, pela primeira vez, a atmosphera de sua casa insufficiente para os seus pulmões.

Vinham, até os seus ouvidos, as vozes de desejos que elle nunca dantes tivera. Sonhou em subir, em subir alto como os aviadores, lutar como os fortes, conquistar como os grandes amorosos, sonhar como os grandes artistas, conhecer, emfim, todas as volupias de que toda a sua existencia havia sido inteiramente virgem.

E, antes de dormir, no meio somno de seu cansaço e de sua ansia, elle via, nitidamente via, elle, o pequeno dono de papelaria de uma rua triste, as victorias e as conquistas passarem todas pelos seus olhos fatigados e enthusiastas.

E João Duncan dormiu com a sensação de um corpo joven e elastico de mulher, a seu lado, que lhe sorria, offerecendo-lhe a bocca fresca como uma fruta gostosa...

* * *

No dia seguinte, João Duncan não chegou á hora de sempre.

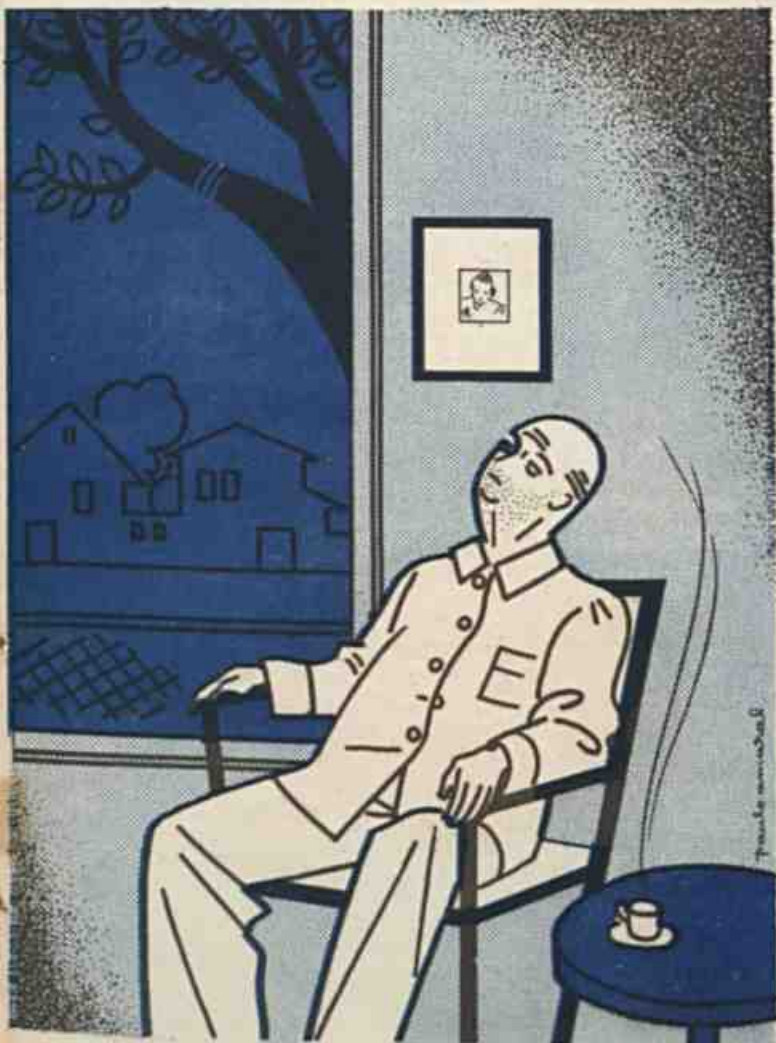
Nhá Theodora o esperou, em vão, com a sopa requentada.

Foi a primeira vez que elle faltou ao seu horario habitual.

A pequena papelaria tambem fechou aquelle dia mais cedo.

Alguma cousa de anormal havia se dado.

Na porta cerrada, a letra do empregado Antonio, tremida pela emoção e pelos acessos constantes da sua bronquite chronica, escrevera dentro de um jornal tarjado de preto:

**"Fechado. Por motivo da morte de seu proprietario".**

BENJAMIM COSTALLAT

# RURAL

MARÇO, Abril, Maio... E o inverno nada de chegar. Nunca tardaram tanto as chuvas que desencontrados ventos obliquam, em todos os sentidos, de grossas, pesadas bategas, as insolitas primeiras chuvas! São João á porta... Nem uma espiga de milho. Ora espiga, nem um pé de milho. Junho sem milho de espiga... São João sem milho verde...

O terreno pronto para receber a semente, limpo, secando, crestando ao sol. Desde Março. A chuvada de Janeiro, que "tarda mas não falta", no dizer do "outro", caira, serodia, em Fevereiro. (Mesmo que caisse em Março ou em Abril, seria de Janeiro. Mesmo que caisse, temporã, em Dezembro...) Mas não déra, siquer, para molhar a terra. Só fizéra desprender o cheiro morno do chão, para aumentar o bochorno. E o vapor ficára tremendo no espaço.

Depois o eter tornára a vibrar. O solo refratava a luz como se fôsse um prisma. E se alguma nuvem louca vaporizasse uma pouca de agua, vêr-se-iam nas alturas as côres do espétro solar.

Neve nos baixios, dando a ilusão de impassiveis plainos, mansos como rios cheios, conduzindo a experiencia da estiagem. Poentes vermelhos, rubros, que se prolongavam até um trecho da noite.

Meado de Junho... Se não chovesse até o fim do mês, a mór parte dos moradores ia entregar, devolver as tarefas, os quadros de terra arrendados, com o prejuizo do amanho.

Para muitos isso teria a importancia de um logar comum, tanta vez se repetira na sua cronica vida de miseraveis. E quando tinham de entregar a colheita? Quando tomavam dinheiro emprestado, a oneroso juro de 20 %, ou mais, brocavam o pedaço de terra mais "sujo", arrendado pela hora da morte", queimavam ou embolavam o mato, limpavam, plantavam na caissara as sementes, compradas caro, do milho, da fava, do algodão, passavam o tempo todo vergado sobre o "condurú", dando três, quatro ou cinco limpas, colhiam, vendiam "de graça", pelo preço de safra, porque tinham de se submeter ás injunções do tempo e do espaço, pagavam o dinheiro e a terra — e iam comer farinha com rapadura!

Para muitos isso não teria importancia. Dos males o menor. Podia ser que tudo isso acontecesse. Podia ser que a lagarta désse no milho, na fava, e o relampago queimasse o algodão. Podia ser que não lhes sobrasse tempo para cuidarem da lavoura, obrigados como estavam a dar tres ou quatro dias de serviço por semana ao patrão. Podia ser que os 1$500 mesmos dessas diarias obrigadas não bastassem para passarem, e fôssem forçados a solicitar serviço, ainda.

Restituiriam as tarefas, os quadros de terra arrendados, com o prejuizo do amanho. De bom gosto. Quasi satisfeitos.

Menos Nézinho. Esse tinha lá as suas razões maiores, mais importantes que as do tempo — teimosas, cêgas razões do coração. Era noivo. Contratára casar-se com u'a moça de Capim de Cheiro, queria fazer poupança que lhe permitisse satisfazer o compromisso assumido e a propria vontade. Tomára á sua conta pagar o fôro de dois quadros de 50, de terra preta, que descobrira longe e escondido da ambição exclusivista do dono. Tomára emprestado 50$000 por 65$000 na safra, para comprar sementes, remunerar adjutorios, "tirar a barriga da desgraça", quando devesse dedicar mais tempo á sua roça, que tivesse de se abster de procurar trabalho avulso, além do obrigatorio, que esse independia de conveniencia, ainda a que demandasse sacrificio... Não voltaria atraz, a menos que a isso fosse constrangido por mais suasoria causa que a da estiagem.

No algodão cifrava toda a esperança de uma bella maquia com que comprasse á vida o acontecimento do seu pobre sonho de amor. Ouvira dizer que ia dar otimo preço. O coronel explicava: o Oriente comprára todo o "stock" da America do Norte e nos encomendára a produção. O coronel, depois que os japonezes deram para sacudir a bolsa pelas coisas do Brasil, creára muita fé na mercadoria nacional que, apuradas e rejeitadas as balelas, estivesse sendo bafejada por eles. E Nézinho cria piamente em quanto pensasse e dissesse o coronel. Dos "papa-terras" sabia sòmente que andaram degustando as terras do Retiro de Dentro, para comprá-las, com grandes intenções agricolas e industriaes, e foram embora sem fazer negocio, deixando, para objeto de irreverentes motejos, a singular explicação da sua côr.

O rapaz debulhou uns sons claros de harmonica, dentro da tarde sem ninguem. O melodico instrumento escancarou-se, foliforme, sobre a sua coxa inutilmente forrada com um lenço branco, de vez que tinha o fato sujo, como se não fôra domingueiro. U'a musica de notas ligadas como que por tenras lianas, ziguezagueando, visivel quasi, na forma ramificada de um relampago, com origem no seio das nuvens altissimas e fim na terra, subito e brusco, como uma chegada de bolido — soou. Antigos companheiros de solidão, o tocador e o instrumento, cavaquearam. Em pouco foram trazendo para perto caras lembranças do passado, velhas e mortas, mortas e ressurretas, ao sutil encantamento. Ou então foi Nézinho quem se remontou á morada olimpica da vida vivida. Reportou o espirito, nas asas das ondas sonoras, foi reviver para a sua terra a felicidade de passagens infelizes, que, sobre terem sido infelizes, passaram... Viu-se, creança ainda, "lá fóra", "treloso", menino-malvado, "cuisa-ruim", enfiando graveto nas cigarras e tanajuras, depenando vivos os passarinhos, quebrando a perna aos pintos, fazendo reinação com tudo que era bicho, emquanto a sêca fazia reinação com ele e com os seus. A mãe não o alisava: "Tá semvergonhando" — por qualquer coisinha, e caia em cima como uma possessa, á pancadaria braba: "Passa pra qui, semvergonha! Tome! Tome! Tome!" O pae, esse avisava: "Se livrasse de ele pegar!..." Quando descoroçoára de com a ultima ameaça evitar o primeiro castigo, já fôra por "mal-feito" de homem que lhe déra uma surra: "é para você não bulir mais com moça donzela"!

Eita tempo! Eita saudade!

Tardinha, quasi noite, — as cigarras cantaram grosso e tão distante, que logo, de surpresa, deram antes a impressão de um trem apitando, remoto — onde? Os sabiás-da-mata soluçaram, baixinho, a pena, talvez, de não irem, ao acaso no trem todo feito do canto das cigarras. O olho com olheira de halo da lua, lançou á gleba triste o olhar baço do luzeiro. Os pirilampos começaram a gastar o fosforo das noites caliginosas, na noite deslumbrante.

Quando acabou de acompanhar, á harmonica e aos suspiros, a ciranda das lembranças brejeiras, tinha os olhos molhados...

Eita sereno!

Agora, só via a noiva, um domingo sim, outro não. Dali estava vendo a casinha que fôra dela, no Retiro... Nesse tempo eram ainda meigos namorados. A janela do oitão era do quarto dela. "Se aquela janelinha do oitão falasse"... Ele saia "se imparando" da noite, ia bater nela, de leve, chamando, num sopro, pelo nome de Felicidade. Aquela janela do oitão se abria, de manso, — "e não chega era a felicidade, quem respondia! E não chega era a felicidade, que ele abraçava! E não chega era a felicidade que ele beijava!"

Até, uma vez, pulára por aquela janela para dentro do quarto da namorada. Minha Nossa Senhora! que susto tivéra a pobre de que lhe quizesse fazer mal — "Pelo bem que você quer á sua mãe!... — "Deus me livre lhe querer agravar"! Deus o livrasse! Queria era estar bem pertinho dela. Outra vez, estava muito feito de corpo, conversando com ela, quando se abrira a porta da frente, o pae saira para "dar de corpo" ou para "verter agua", pelos modos. Em redor da casa era terreiro varrido, que o cabra não achara geito de atravessar sem ser visto. Não tivera duvida: saltára aquela janela.

E as vezes que se encontrava com a rapariga, no rio, no mato, nos caminhos... Dali estava vendo a galhada de um pé de azeitona... Um dia, "maginava na sorte da gente", espapaçado no chão, quando avistára aquela outra fruta gostosa, que o pé não déra, trepada lá no olho do páu, "fazendo pouco da fome." Mais que depressa, se levantára, os olhos numa ganancia, o coração num alvoroço, enfiára pelo mato de viez a direito do pomo sápido. Ia pensando em ver as pernas da moça. Mas que! a sabida déra fé da sua intenção! Mais que depressa, prendera a saia nas pernas. Só a alcançára a descer de "rala-barriga" que nem um "menino-macho".

Outro dia, fôra lavar a "biscaia" no poço, encontrára a cabocla nua que nem um moleque, tomando banho. Dizia que era ela, porque havia, no gramado da beira do rio, uma tulha de roupas da mulata, mas o que "tibungára" nagua—glup—fôra um caçote assustado.

Ah! bom tempo ido que não voltava mais!

Depois, sêo Chico Fulô, por causa de uma briga com o cabo do eito, se mudára para Capim de Cheiro, a dez leguas: num buraco. E se mudando, carregara a filha. E carregando a filha... Agora...

Nézinho "tomava a massaranduba do tempo"...

Que vontade de se casar!

Finalmente...

A neve subiu dos vales, foi toucar o cume das arvores no cume dos montes. O céo esfarelou-se, trasfegou-se pelos funis emborcados das alturas. Nuvens negras passaram, de suéste para noroeste, grandes, pesadas e vagarosas como um rebanho prenhe. A atmosfera, tornou-se compacta, qual se a premisse o peso mesmo de um rebanho. Daí a pouco, insolita ventania, vinda de parte nenhuma, sacudiu, com fragor os penachos das palmeiras. O chuveiro passou soando não se sabe onde. Daí a mais, o horizonte foi branqueando, foi branqueando, e foi se ampliando, foi se ampliando, e foi avançando, sempre avançando, até que o espaço todo ficou branco, branco, á caiadéla magnifica da chuva.

— Que mal progunto, vós vae plantar algodão?

— Tou cum vontade... E vós, vae?

— Possa sê que sim. Essa terra é dele bom?

— Eu rocei aqui munta jurubeba e munta vassoura...

— E' terra dele!

— Dará?

— Possa sê que dê... Tem munta ciença...

— Qual é a ciença desse legume, que mal progunto?

— Home, a ciença desse legume tá no nome dele mesmo: algum...dão.

Nézinho quedou pensando na planta que se chamava um aviso: "algum-dão". E se o seu não désse? Desprezára a roça, que não faltava com o "refrigerio" do pobre, pela malvácea que remediava e que enriquecia, mas que duvidosamente se chamava — "algum-dão". Pungia-o leve remorso. Sentia-se ingrato á constancia leal dos pausinhos de mandioca, em lhe dar a farinha de cada dia. Sentia-se culpado para com a sua condição, dessa imerecida preferencia. Como se fosse crime, o querer sair da pobreza. Como se fosse traição... Como se fosse covardia, que envergonhasse os pobres como ele era. Julgava até notar queixa nos olhos que o olhavam tristemente, dos safios parceiros de sorte madrasta. Fazia-lhe mal aquella tristeza resignada de olhos estoicos. Mas aqueles olhos nunca sofreram, porque nunca desejaram. E sobretudo aqueles olhos nunca renunciaram. Porém amaram e se casaram com a morbideza de uns olhos irmãos. Não contrariaram o seu destino. Continuaram contemplativos, a ponto de prejudicarem o sentido da realidade da vida. Como se a vida do pobre fôsse uma religião. Como se fôsse pecado o querer sair da pobreza.

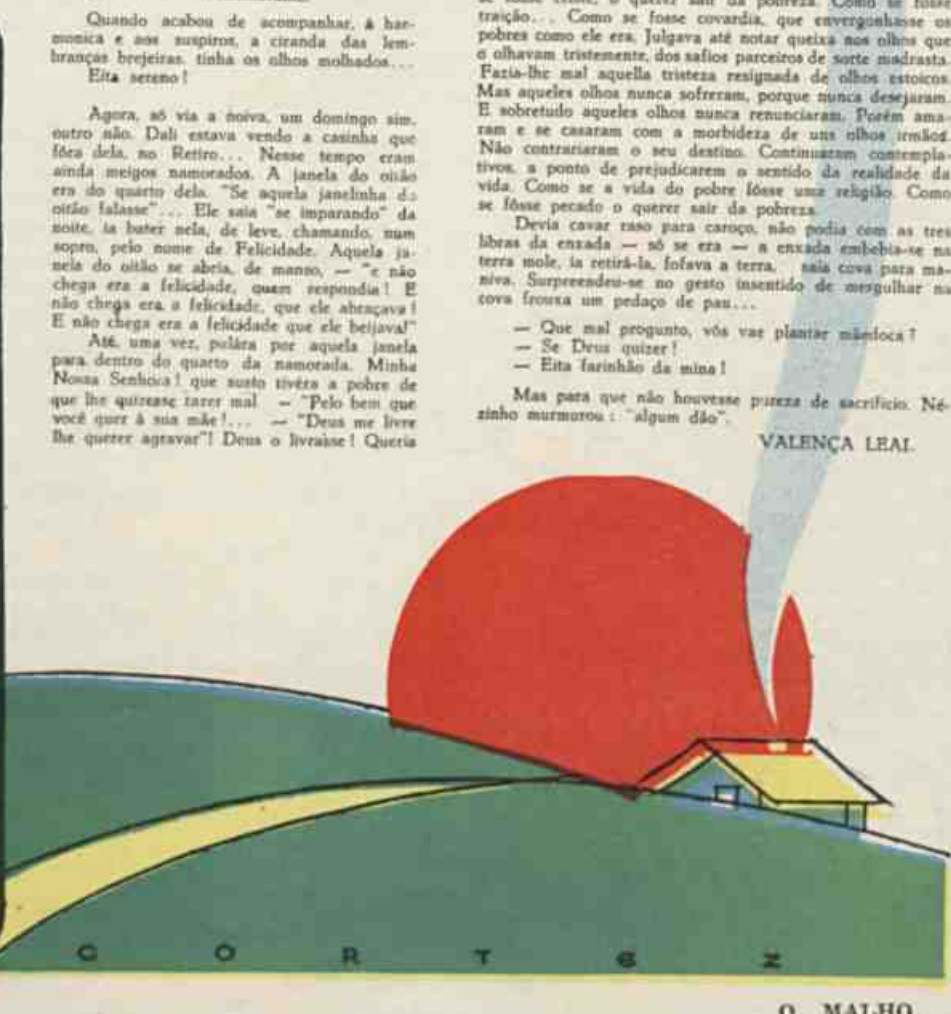
Devia cavar raso para caroço, não podia com as tres libras da enxada — só se era — a enxada embebia-se na terra mole, ia retirá-la, fofava a terra, saía cova para maniva. Surpreendeu-se no gesto insentido de mergulhar na cova frouxa um pedaço de pau...

— Que mal progunto, vós vae plantar mandioca?

— Se Deus quizer!

— Eita farinhão da mina!

Mas para que não houvesse pureza de sacrificio, Nézinho murmurou: "algum dão".

VALENÇA LEAL.

● O Touring Club do Brasil resolveu promover e patrocinar uma excursão á Palestina, proporcionando aos seus associados o conhecimento dos logares onde se desenrolaram os acontecimentos da Historia Sagrada.

● Foi nomeado ministro plenipotenciario do Brasil, na Suissa, sendo, por isso, transferido para a reserva de 1ª linha do Exercito, o capitão João Alberto Lins de Barros, ex-chefe de Policia desta capital e ex-interventor em S. Paulo no periodo revolucionario.

● Esteve ancorada na Guanabara, proseguindo viagem depois de curta demora, a fragata-escola argentina "Presidente Sarmiento", que realiza o seu ultimo cruzeiro transportando alumnos da escola naval daquella republica amiga, pois vae ser substituida nesse serviço.

● Deixou o commando da Força Publica do Estado do Rio, que vinha exercendo desde 1930, o capitão do Exercito Luiz Braga Mury.

● Falleceu o antigo e popularissimo editor francez, Georges Calman Levy, chefe da casa "Edições Centenarias", de Paris.

● O governo do Equador desmentiu ter assignado contracto com o do Reich, em que se prevê a cessão de um porto no Pacifico á Allemanha.

● O presidente Lazaro Cardenas, do Mexico, assignou um decreto amnistiando cerca de 10.000 pessoas processadas sob accusação de crimes politicos. Foram annullados 3.841 processos com curso completo.

● Falleceu, em S. Paulo, o conde Francisco Matarazzo, um dos maiores industriaes do Estado e do Brasil, pertencente a antiga e nobre familia cujas origens datam do seculo XII.

● Chegou ao Rio, acompanhado de sua familia, o general José Estigarribia, ex-commandante das forças paraguayas que operaram na campanha do Chaco Boreal, no dissidio lamentavel que occorreu entre o Paraguay e a Bolivia.

● Todo o mundo catholico commemorou, jubilosamente, a passagem do anniversario da coroação do papa Pio XI, actual chefe supremo da Egreja Catholica Apostolica Romana.

● A cantora patricia Olga Praguer Coelho foi recebida pelo chefe do governo italiano, Sr. Mussolini, com o qual manteve cordial palestra, tendo o Duce manifestado sua grande admiração pelo Brasil, revelando seu seguro conhecimento do nosso idioma.

● Realizou-se em Porto Alegre o "Circuito Farroupilha", na pista automobilistica da estrada Crystal-Tristeza, sendo vencedor o "az" Nascimento Junior.

● Os nacionalistas hespanhóes chefiados pelo general Franco convidaram o principe Xavier de Bourbon, representante do tronco dynastico carlista, para assumir o governo na qualidade de rei da nova Hespanha.

● O governador Juracy Magalhães, da Bahia, pediu noventa dias de licença do exercicio desse cargo, a Assembléa Legislativa do Estado.

● Foi nomeado commandante em chefe da Esquadra da Marinha de Guerra Brasileira o contra almirante Carlos Augusto Gaston Lavigne, um dos mais distinctos officiaes generaes das nossas forças de mar.

● Foi promulgado pelo prefeito da capital o decreto da Camara Municipal, de autoria do vereador Heitor Beltrão, que extingue o processo de propaganda de productos commerciaes que consiste na exposição dos mesmos aos montes e dependurados nas portas das casas do centro da cidade.

● Por motivo do nascimento do Principe de Napoles, filho do herdeiro do throno da Italia, foram amnistiados pelo rei todos os presos. O novo principe se chamará Victor Emmanuel Alberto Carlos Theodoro Humberto Amadeu Damião Benedicto Januario Maria.

● Demittiu-se da pasta das Relações exteriores do governo do Chile o chanceller Cruchaga Tocornal.

● Visitou a nossa redacção e installações graphicas o jornalista bahiano Sr. Ranulpho Oliveira, presidente da Associação Bahiana de Imprensa e director do "Diario da Bahia", em viagem de recreio pela Capital Federal e S. Paulo.

*Vereador Heitor Beltrão*

*Presidente Cardenas*

*General Estigarribia*

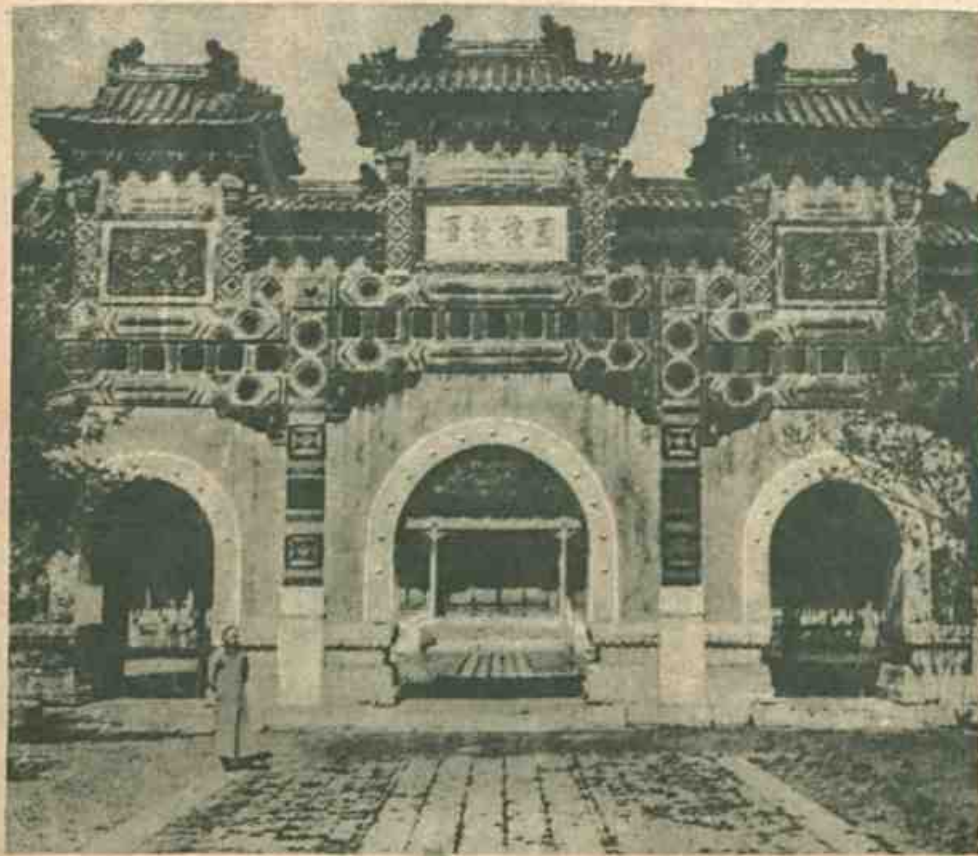
*S. S. o Papa*

*Olga Praguer Coelho*

*Nascimento Junior*

*Jornalista Ranulpho Oliveira*

# AS TRÊS ALMAS QUE PERDERAM O MANDARIM

DE MATTOS PINTO

*A architectura chineza dos tempos imperiaes em Pekim.*

*A grande muralha que symboliza o espirito tradicional e millenar da China.*

Tres philosophias contribuiram para a formação da China, tres systemas doutrinarios orientaram o curso da sua nacionalidade para um futuro abstracto, essencialmente moral, destituido de todo alvo economico. Os tres systemas moraes sobre cujos principios se formou a alma chineza, a doutrina de Confucio, a doutrina de Lao-Tse e a doutrina de Buddha, deram-lhe um caracter intenso e especial. O primeiro systema, o mais amplo pela repercussão na vida da China, consiste no culto da tradição, no amor á virtude, no respeito á justiça, no sentimento de humanidade. O segundo systema, profundo e metaphysico como nenhum outro, diffunde a noção da vida eterna, a renuncia á conquista do ouro, o convivio com o silencio sublime da natureza, a pratica do quietismo, a transcedencia, a immobilidade, o conceito do não agir. O terceiro systema, oriundo das regiões ardentes da India, introduziu-se na China durante o seculo III, antes de Christo, propagou-se pelo Thibbet, Japão, Ceylão, Java, quasi todas as ilhas do Pacifico. Trata-se do buddhismo, doutrina opulenta em symbolos, subtil e solemne como o proprio Universo, seductora, pantheistica, que se presta aos sonhos eternos do sentimento.

## O REFORMADOR MORAL

Kong Fu-Tse, conhecido entre nós pelo nome de Confucio, nasceu 551 annos antes de Christo, quando o regimen feudal predominava na China, dividia a nação em varios principados, que se guerreavam uns aos outros. O Imperador Celeste gosa apenas de prestigio religioso, não possue força moral, nem outro poder qualquer, contra os principes independentes, senhores da administração politica do Estado. Durante a sua existencia, Confucio visita os senhores feudaes, prega a tranquilidade e a paz, desenvolve o culto das tradições, recommenda a virtude, a justiça, a ternura, o amor. A um rei que conservava um passaro preso na gaiola, Confucio indaga porque não o comia, e o monarcha responde que conservava o passaro ha muito tempo, apreciava-o de mais para matal-o. "Isto mostra, até que ponto deveis conhecer os vossos subditos e vos informar de suas necessidades, quando dessa maneira os amareis, desejando tornal-os felizes." Alguem lhe pergunta como se deveria proceder para se adquirir a virtude e a sabedoria. Outro interpella-o sobre os segredos do além, sobre o commovente silencio da morte, sobre a sobrevivencia do homem. E querem que elle diga, si podemos tudo conhecer e tudo saber. Ao primeiro replica Confucio: "Fazei o bem em todo o tempo, em todo logar, em todas as circumstancias onde fôr possivel fazer e sereis virtuoso, sabio." Ao segundo, esclarece modestamente: "Si não sabemos o que é a vida, como saberemos o que é a morte?" Ao terceiro, declara com suavidade: "Ainda que sejamos um santo, ha cousas que não se pode conhecer." Entre outras obras doutrinarias, Confucio compoz o livro Chu-King, onde faz a apologia dos tempos antigos, ensina a suavidade dos costumes patriarchaes, a nobreza dos antepassados, a sabedoria das tradições. Os historiadores europeus pretendem injustamente, que Confucio não póde ser incluido entre os reformadores, porque a sua doutrina se prevalecia da tradição, resumia-se na felicidade moral do povo chinez, sem preoccupações de progresso industrial. Mas verdadeiramente reformador no sentido espiritual e ethico, Confucio tentou a renovação de sua patria, conflagrada pelas guerrilhas feudaes e sob o impulso luminoso do seu humanitarismo, a alma chineza se purifica da barbarie, que deprime as raças asiaticas.

## A FELICIDADE QUE REPOUSA SOBRE A CANDURA DOS SENTIMENTOS

Em que consiste a doutrina do maior philosopho do imperio Celeste? O proprio Kong Tu-Tse, ou Confucio como costumamos dizer, elucidou um dia, desta maneira: "A minha doutrina é aquella que todos os homens devem seguir. E' a doutrina de Yao e de Chun. Quanto ao meu modo de ensinar, é todo simples, dou como exemplo a conducta dos antigos, aconselho a leitura dos livros sagrados, King, exijo que se acostume a reflectir sobre as maximas, que ali se encontram." Yao, o mais festejado de todos os imperadores da China, em qualquer tempo dessa nação oriental, viveu treze seculos antes do christianismo, perpetuando-se a sua memoria como o symbolo dos monarchas patriarchaes, cujo coração pertence ao povo. Em torno da amavel figura desse imperador, ha narrações patheticas, factos historicos, legendarios e verdadeiros. Os chinezes o veneram como o momento feliz que jámais voltará no curso da vida. A historia conta com simplicidade, que Yao reservava no seu palacio, um logar publico onde havia um quadro. Na pedra o povo escrevia o que entendesse, expunha os seus desejos, as reclamações, os pedidos de justiça e de clemencia, as denuncias contra as autoridades arbitrarias, todas as aspirações da alma popular. Sempre que alguem escrevia no quadro, tocava no tambor que havia ao lado e logo o imperador corria para ler o que haviam escripto. Em vida, pensando sempre na ventura da China, Yao escolheu para successor a Chun, o homem mais virtuoso que conhecera na sua existencia. Os dois imperadores celestes, Yao e Chun, representam a éra de ouro da nação chineza. Confucio diffunde ensinamentos sublimes de moral, quer a doçura dos costumes, aspira a sinceridade dos sentimentos, relembra Yao e Chun, conduz os seus discipulos a procurar a felicidade do povo. O progresso mechanico, a evolução das industrias, a economia politica, os themas materiaes do Occidente, não entravam na sua metaphysica humanitaria. Thales Pythagoras, Xerxes, Leonidas, viveram na mesma época de Confucio e desconheceram o doutrinador mais nobre da Asia, que viveu incomprehendido pelos seus contemporaneos, quasi desprezado pelos principes feudaes, apesar de haver sido ministro de um delles. Morreu aos oitenta e quatro annos, homenageado pelo rei Lu, que o reconheceu como illuminado, superior, mestre de todos os chinezes, orientador da nacionalidade, o mais santo e sabio dos apostolos da China. Com a morte, a sua gloria cresceu extraordinariamente e os seculos se encarregaram de multiplicar o nome do philosopho, espalhando-o por todos os corações. Os chinezes ergueram numerosos templos em sua memoria, onde a sua doutrina cultivada, merece toda a meditação das consciencias.

*Tocadora de alaúde da antiga China dos Mandarins.*

## O MAIS ORIGINAL METAPHYSICO DO ORIENTE

O taoismo, a segunda philosophia moral, que modelou a serenidade interior da civilização chineza, se desenvolve com Lao-Tse, o mais original dos metaphysicos do Oriente, nascido 604 annos antes de Christo, contemporaneo de Confucio. Os principios do taoismo, excessivamente abstractos, nebulosos, apocalypticos, contêm verdades extensas e subtis, essencialmente moraes. Vivendo como Confucio, no periodo das guerrilhas feudaes, Lao-Tse fazia ao povo este convite transcendente: "Segui-me ás montanhas, á cella do eremita. Nós vivemos a verdadeira vida, a vida do coração, a vida da immortalidade." E como se presentisse a fascinação do ouro, que corrompe os costumes occidentaes, exhortava: "Vale mais ser desprezado pelo mundo, do que correr atraz das riquezas." A sua obra prima, o livro Taote-King, longamente meditado, contém a synthese do taoismo, a doutrina de Tao, a via eterna. A sua leitura difficil para os proprios chinezes, em virtude do estylo rapido, conciso, da significação metaphysica dos conceitos, revela a originalidade do pensamento asiatico.

*Vaso de porcelana, que evoca a immemorial China da Dynastia Sung, do seculo X a XIII.*

## A CONTEMPLAÇÃO E A PAZ SUPREMA

Certo dia, Lao-Tse encontra Confucio lendo um livro e indaga qual a obra preciosa, que merecia a attenção do moralista. "Eu leio o livro da tradição de King, responde Confucio, elle trata da humanidade e da justiça." Então Lao-Tse commenta exaltado, apocalyptico: "A justiça e a humanidade do dia não são mais do que palavras vasias. Servem sómente para mascarar a crueldade e perturbar o coração do homem. A desordem jámais foi maior do que no presente. A pomba não se banha todo o dia para se tornar branca. O corvo não se tinge cada manhã para se tornar negro. O céo é naturalmente elevado, a Terra é naturalmente grossa, o Sol e a Lua brilham naturalmente, as estrellas e os planetas estão naturalmente collocados no céo, as plantas são naturalmente divididas conforme a sua especie. Assim, si cultivaes a Via, o Tato, si o adoraes com toda alma, chegareis. A que vem a humanidade e a justiça? Sois como o homem, que bate num tambor, emquanto procura uma ovelha vagabunda." A philosophia de Lao-Tse inspirava muitas desertações aos mandarins. O taoismo ensina como a arte de bem governar, manter o povo na ignorancia, quando o saber conduz o homem para fóra de si, age como inimigo da simplicidade e da innocencia. Recorda á maneira de Confucio, a edade de ouro dos imperadores Yao e Chun, cujo programma administrativo se resumia na felicidade moral do povo. No capitulo terceiro, intitulado Da Pacificação do Povo, do livro Tao-te King, o philosopho Lao-Tse prescreve: "E' preciso sempre fazer que o povo, não tenha conhecimento, nem aspiração. Aquelle que não possue o conhecimento, não ousa agir e não praticando-se o agir, quer dizer, a paz perfeita, tudo será bem governado." O taoismo preconisava a fusão da creatura humana, com a alma eterna do todo.

## O DESASTRE BRANCO

Penetrando no Imperio Celeste, no III seculo antes de Christo, o buddhismo seduz o coração chinez. Flôr suprema da dôr, germinada da agonia das cousas vivas, a religião de Buddha insinua nas almas, como o ineffavel canto da redempção. Tudo quanto soffre, desespera, sente renascer a esperança, á voz benevolente de Buddha, que promettia a paz infinita, o mais alto repouso, o socego inexgotavel. Sob o arroubo dessa terceira doutrina, enorme e universal, o Imperio Celeste conheceu a exaltação mystica, o desejo de renuncia, a espiritualidade insuperavel. A' sombra das arvores metaphysicas de Confucio, Lao-Tse e Buddha, a civilização chineza caminha para o horizonte da felicidade moral, despreza a volupia das riquezas materiaes, apanagio do progresso entre os povos do Occidente. Mas o DESASTRE BRANCO despertou o Mandarim, que não soube defender as suas tres almas, deante do progresso militar e das forças economicas, cuja investida não poupa as raças adormecidas na metaphysica.

Conde de Affonso Celso

# "NATIVIDADE DE JESUS"

"NATIVIDADE DE JESUS" é um dos mais bellos poemas escriptos em vernaculo. Abrange todo um periodo daquella hora de fundas emoções que firmou os preambulos do christianismo, que mais tarde se consolidou na consciencia dos povos, onde perdura indelevel.

E' autor dessa pagina memoravel o Sr. Conde de Affonso Celso, um dos pares das letras brasileiras.

Lendo-o e relendo-o attentamente, considerou o maestro Republicano — hoje uma das maiores expressões da Arte musical de nosso paiz — dever transpôr a "Natividade de Jesus" para a scena lyrica, para o que não lhe faltavam os necessarios recursos artisticos, atirando-se immediatamente á delicada tarefa, do que resultou, attingindo os seus desejos, conseguir compor a partitura para poema.

E são justamente essas duas paginas conjugadas — o poema e a partitura — que em fórma de Mysterio, devidido em quatro actos, constituirão um dos melhores espectaculos da temporada lyrica Brasileira a iniciar-se proximamente no nosso Theatro Municipal, sob os auspicios da Empresa Artistica Brasileira, que tem a dirigir-lhe os destinos o maestro Sylvio Piergile.

A primeira representação da grande obra está marcada para o dia 25 de Março, Quinta-feira Santa e pensamos que se repetirá na Sexta-feira da Paixão, Sabbado da Alleluia e Domingo de Paschoa, em vesperal.

A parte musical já está em ensaios bem adeantados, pela orchestra do Theatro Municipal, sob a regencia do autor, maestro Assis Republicano.

Trata-se de musica de largas proporções em sua feitura. Obedecendo a motivos e themas da época, o compositor imprimiu ao seu trabalho um desenvolvimento amplo, empregando na extructuracção da musica um verdadeiro complexo orchestral, sem fugir, como dissemos, ao imperativo das melodias comtemporaneas do assumpto religioso.

As vozes que representarão os personagens do poema começaram tambem os seus ensaios, bem assim a massa coral.

Dos diversos papeis da "Natividade" foram incumbidas as seguintes pessoas, todas de grande conceito artistico entre nós: Herodes e Balthazar — barytono Asdrubal Lima; Maria, Alzira Ribeiro; Benjamin e Gaspar, tenor Del Negri; Rubem (pastor) borytono De Marco; Isachar e Melchior, baixo Perrote e José, tenor Aliegro.

Damos a seguir uma das scenas da Natividade de Jesus; do poema do Sr. Conde de Affonso Celso:

3º ACTO

*Palacio de Herodes*

Herodes que se encontra em seu throno, rejubila-se por ter Roma reconhecido o seu direito ao Reino da Judéa.

Scena 1ª

"Eis, emfim, alcançado o que meu peito
Fremente, ha longo tempo, ambicionava:
E' meu, é meu o throno deste povo
Que eleito do Senhor se diz... Embora
Vacille um tanto ainda o meu imperio,
Por força hei de firmal-o, em breve prazo.
Para ganhar o coração das gentes,
De nova pompa enfeitarei o templo
E obrigarei a turba a venerar-me!...
Só de uma coisa resta-me o receio:

E' que, segundo uma vestuta lenda,
Esperam os judeus constantemente
Um Messias que deve libertal-os
Das cadeias de Roma... Mas que importa?!
Appareça o Messias! Não lhe cedo
O throno conquistado. Forças tenho;
Havemos de lutar. Conto vencel-o,
Comquanto a plébe contra mim revólta,
Pois do Cesar augusto dos romanos
O invencivel apoio me sustenta."

— —

Essas as palavras que o escriptor collocou nos labios de Herodes, segundo o que se cocntem no Evangelho. E, sobre taes palavras Republicano calcou vivas e penetrantes phrases musicaes, que sabemos hão de arrebatar o publico, maximé o povo christão desta cidade, nos dias acima indicados.

A montagem de "Natividade" está merecendo do maestro Sylvio Piergile o maximo de seus cuidados e attenções, bem como os scenarios que serão deslumbrantes.

— —

Incompleto sera este pequeno informe se ficasse em olvido o nome do Sr. Dr. J. Filgueiras, director da Educação da Municipalidade, que foi um dos que em muito influiram tambem na inclusão de "Natividade de Jesus" na presente temporada: Faça-se, pois, justiça.

C. P.

Maestro Assis Republicano

# DE NICTHEROY

*Sorvete-dansante offerecido pela directoria do Club Central aos associados, em regosijo pela grande animação com que ali correram os festejos carnavalescos.*

*Almoço offerecido pelo C. C. Bandeirantes, victorioso no carnaval que passou, em regosijo, e ao qual compareceram o prefeito da cidade, capitão Miguelote Vianna, o deputado Cesar Tinoco e pessoas gradas.*

FOI logo após o Carnaval. Eu descia a Mantiqueira, vindo de uma fazenda, em Minas. Os carros vasios, quasi.

Aqui e ali, alguns poucos passageiros. Silencio claustral. Um silencio que, immobilizando a natureza ambiente, cahia dos desfiladeiros da serra, dos cabeços a pique e contagiava o trem inteiro. Não era um comboio na vertigem de uma descida, rumo á cidade. Era um immenso convento, em marcha. Um enorme claustro, em viagem. Minas, em seus planaltos, na solidão contricta do seu ambiente devoto, vale sempre por uma local propicio á meditação.

# Quaresmaes

Pelas escarpas, a prumo, gado pastando, tranquillo. A' margem de rios, deslisando suaves, lavradores pacificos trabalhando a terra fecunda, — aquelle rico sólo mineiro — acompanham com as suas canções sentimentaes, verdadeiros gritos d'alma, o som aspero das enxadas, arrancando as hervas damninhas que se insinuam por entre os cereaes em flor. E tudo se reveste dessa feição patriarchal, accentuandamente pastoril. Lindos trechos de céo escampo illuminando, em reverberos de luz, serena, lindos pedaços de terra. O céo mais bello do Brasil sobre o sólo mais sagrado da Patria. De uma tonalidade sempre verde, — daquelle verde esmeraldino, que foi a obsessão de Paes Leme, o caçador de esmeraldas — o mattagal, em torno, como sorri na benção lyrica de uma eterna primavera, que é tambem o symbolo vivo de uma promessa, tambem eterna, de fartura, de riqueza, de fecundidade perenne. Na Quaresma — tempo de maceração e de penitencia — aquelle verde se touca de flores roxas, symbolo da quadra lithurgica. Pelas florestas, pelas touceiras agrestes, adornando os alcantis, debruando os desfiladeiros, atapetando os montes, sempre as mesmas flores da côr do sacrificio e da saudade.

*Quaresmaes* — chama-lhes o povo, naturalmente impressionado com a coincidencia de apparecerem ellas, precisamente, nesta estação do anno. E' como a natureza pregando ao homem a lição do soffrimento, o sermão solemne da dôr e da penitencia.

E eu me lembrei que aquelles pregadores rusticos, aquelles como tribunos sagrados da natureza mineira, a falta de outros, estão acordes com os famosos oradores que, nas grandes cidades, sahem, na Quaresma, do fundo dos seus claustros, como se viessem do fundo de seculos pregar aos homens cultos, nas basilicas e nas immensas cathedraes, a verdade eterna: "Memento homo quid pulvis es". Lembra-te, mortal, que és, apenas, isto : pó. Nada mais !

Quaresmaes ! Quanto sois eloquentes na vossa mudez vegetal !

Quanto falaes á alma e ao coração!

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

E o trem vae marchando, rumo á cidade trepidante, em demanda do soffrimento, embora pareça a muitos que elle vae dentro de um sonho [illegible]deral, em busca do goso, á procura da felicidade.

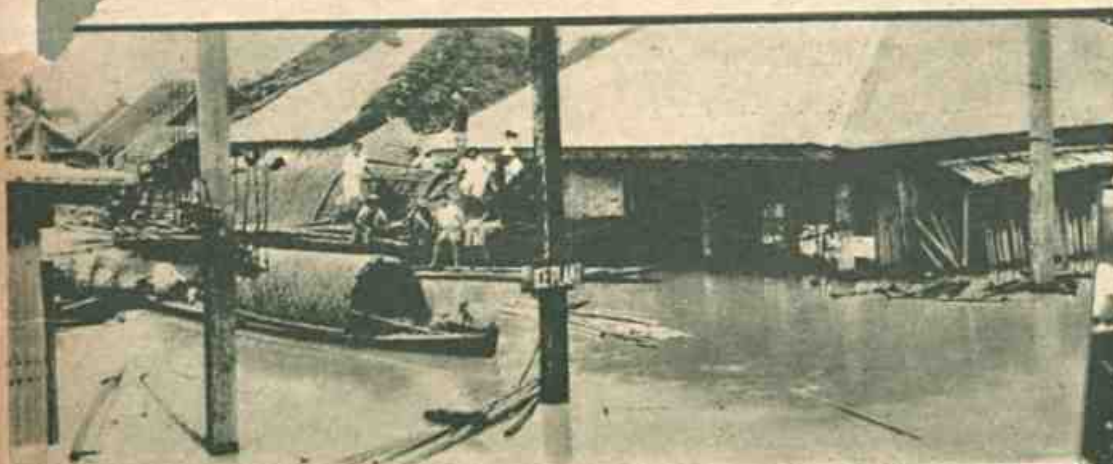
Pobres mortaes, quanto é grande a nossa eterna illusão !

Quão immenso o nosso perpetuo engano, quando uma cousa só é verdadeira e a tudo se sobrepõe, na nossa existencia e além d'ella: o pó, a cinza, o nada !

ASSIS MEMORIA

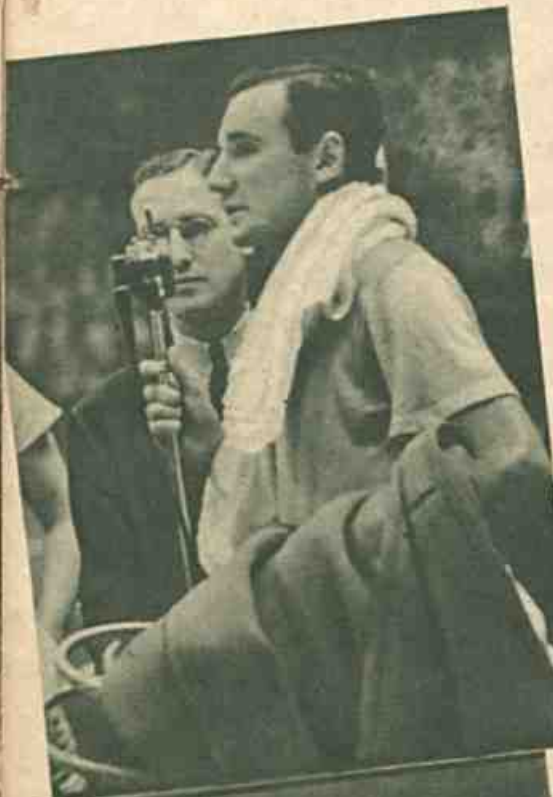
## NO SETIMO ANNO DE EXILIO

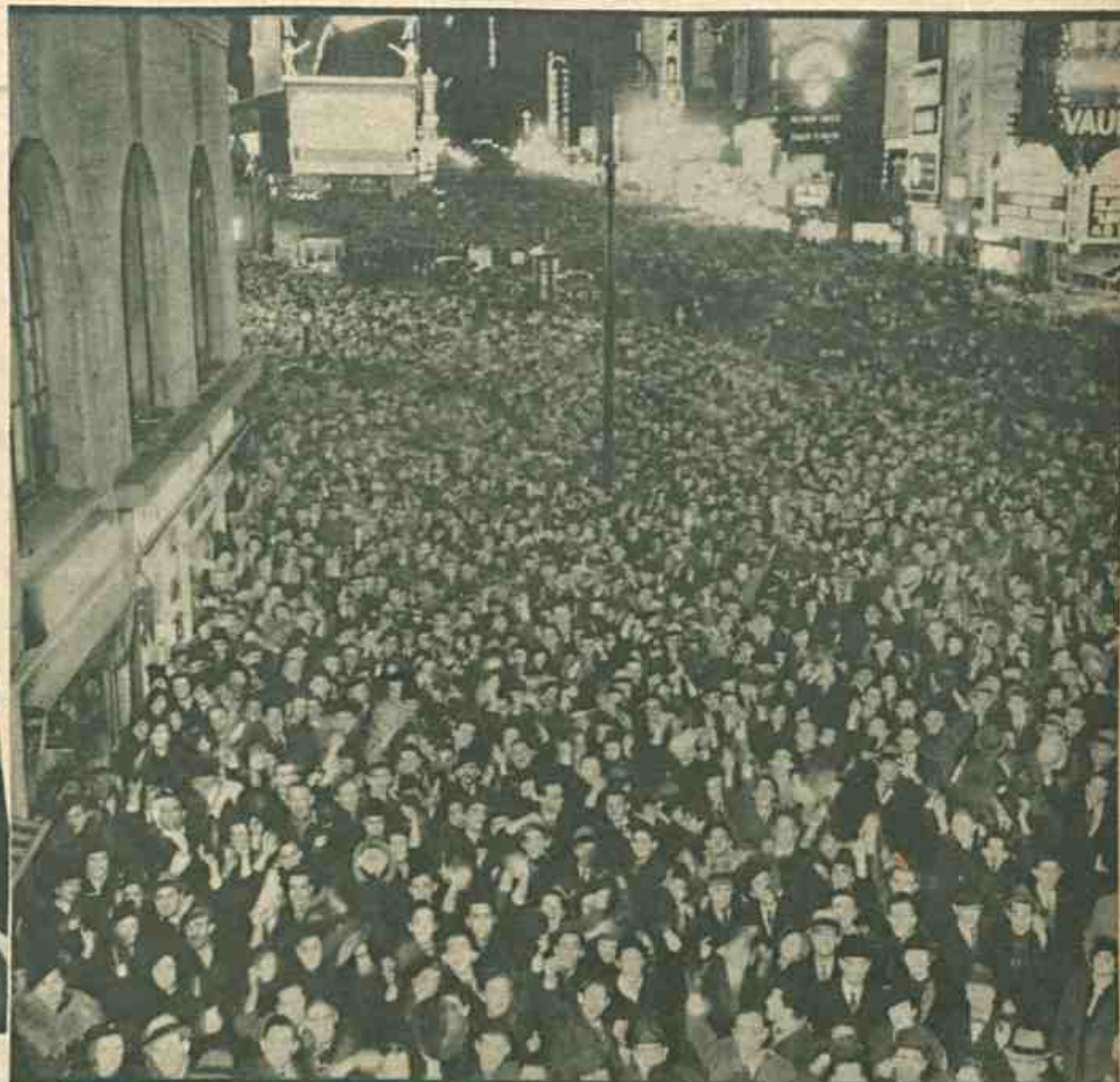
O exilio do dr. Washington Luiz Pereira de Souza — que se tornou voluntario a partir de 1934 — fez crescer o respeito e curiosidade em torno de sua figura. O ex-presidente da Republica, que esteve, ultimamente, alguns annos na Suissa, retornou á França, depois de uma rapida viagem pela Italia. A photographia que aqui estampamos é um instantaneo precioso: foi tirada na Suissa e é a mais recente que se conhece do dr. Washington Luiz.

# O MUNDO EM REVISTA

ENCHENTES NAS PHILIPPINAS — Dois instantaneos das inundações de Ilagan, capital da provincia de Isabela. Por varios dias, os meios de transporte foram jangadas e pequenos barcos. Nalguns logares, os postes telegraphicos ficaram submersos até o meio.

EM VISITA AO SULTÃO — O sultão de Marrocos recebeu, em seu palacio de Casablanca, o vice-almirante Darlan, chefe do estado-maior da armada franceza. Em conversa com o vice-almirante, o Sultão confiou-lhe que "o exercito marroquino saberia defender a sua integridade territorial, embora contasse com o auxilio da França".

INSPECTORA DE BOMBEIROS — Esta photo deixa transparecer o ponto a que alcançou a igualdade de sexo, na Russia Soviética. Uma mulher inspectora dos bombeiros, M. Dimitriyeva, de capacete, ao lado do chauffeur d'um dos carros, a caminho d'um incendio. E' interessante observar, tambem, como os bombeiros são presos ao vehiculo por fortes ganchos.

A MÃE DE ROOSEVELT — A despeito da sua edade, a sra. James A. Roosevelt, mãe do Presidente dos Estados Unidos, ainda é muito activa. Nesta photo, vemos a distincta dama num dia de recepção em seu palacete de N. York, preparando uma mesa de chá.



A VICTORIA DE UM TENNISTA — Em principios de janeiro, encontraram-se no court do Madison Square (N. York) o tennista inglez Fred Perry (á esquerda) e o californiano Ellsworth Vines. Ao primeiro coube a victoria por 7-5, 3-6, 6-3 e 6-4. Esse acontecimento marcou o inicio de Fred como profissional.

A "CERRAÇÃO DA VELHA" em N. York — Um aspecto do Times Square, quando os sinos das cathedraes da gigantesca metropole annunciavam a entrada de 1937. A chuva miuda que cahia não impediu que os Americanos assistissem á passagem do anno. Ao contrario, este anno, a multidão foi até maior e mais ruidosa...

OS SPAHIS MARROQUINOS — As fronteiras de Marrocos acham-se guarnecidas por fortes contingentes de soldados nativos, que estão promptos para entrar em acção, caso o Marrocos hespanhol venha a ser occupado por forças allemãs. Aqui apresentamos um esquadrão da cavallaria de spahis, para os quaes a "lucta de morte é uma honra".

# O PHENOMENO QUE IMPRESSIONOU AREIAS

*A terra fendeu em Areias e os predios tambem racharam.*

Areias, a pittoresca cidade do Estado da Parahyba, apresentou ha pouco tempo, um curioso e singular phenomeno, que despertou os commentarios mais diversos, entre os leigos e scientistas. Fendas extraordinarias, cuja origem ninguem sabia explicar, rasgaram o solo, formaram cavidades, produziram depressões. Rumores estranhos se fizeram ouvir e os habitantes viram alarmados, as paredes das casas se racharem. Surgiu a lenda, de que havia um lago subterraneo, sob a cidade de Areias. O phenomeno adquiriu taes proporções, que o governo estadual pediu o auxilio do Serviço Geologico, para esclarecer o mysterio.

## AS PESQUIZAS DA NOSSA SCIENCIA

O Sr. Euzebio de Oliveira, que dirige o Serviço Geologico Mineralogico, designou um scientista para estudar os factos de Areias. O assistente-chefe Gerson de Faria Alvim, transportou-se ao local, com o fim de observar os effeitos nas casas, as fendas, os desmoronamentos, os surdos abalos. Areias está edificada na assentada de um morro, na serra de Borborema, donde se descortina um horizonte amplo. A sua altitude bem elevada, é de 622 metros, poucas localidades havendo no Estado que ultrapassam essa altitude. A cidade se desenvolve pela lombada do morro, de accesso suave mais ou menos, de léste e de oeste, parte della, exactamente onde as casas estão mais umidas, no trecho mais estreito dessa lombada. Neste trecho os fundos das casas dão para encosta de forte declive, terminando no fundo das grotas, com uma differença de nivel para a rua, de 90 metros approximadamente. A topographia, pois, da cidade é bastante caprichosa e a historia de sua fundação justifica a escolha do local. As fendas foram verificadas, exactamente na parte mais estreita da assentada do morro, do lado esquerdo da rua João Pessôa, onde maior foi o numero de predios damnificados e do lado direito da rua Pedro Americo, proximo ao edificio do Conselho Municipal.

*Barreira em desmoronamento, em Lagôa Nova.*

## COMO SE RASGOU O SOLO

Depois de serias observações geologicas, sobre a estructura do terreno, o geologo Gerson de Faria Alvim, chegou a conclusões satisfactorias. O que causou panico á população local, foi a occorrencia das fendas no terreno, acompanhando o desenvolvimento da encosta, cujos effeitos se fizeram sentir nos fundos de alguns predios. A's chuvas, sem duvida, devem ser attribuidas a causa determinante desse fendilhamento, factor externo, como phenomeno meteorico, de amplitude fóra do alcance da pressão humana. Dissemos causa determinante, mas ha factores outros que concorreram para accentuar o fendilhamento. A abundante precipitação atmospherica, facto não verificado pelo menos desde 1929, segundo os dados meteorologicos que o Sr. Armando Freitas forneceu, obtidos do posto meteorologico local, cahind em terreno argiloso impermeavel, que se embebe de agua, mas não lhe dá sa-da, augmenta-lhe o so, determinando, nos ...os de resistencia com...mettida pela impru...ncia do homem, a for...ação das fendas.

## SCIENCIA DESFAZ A LENDA DO LAGO SUBTERRANEO

O Serviço Geologico ...o encontrou provas ...a existencia do lago ...bterraneo, que a po...lação suppunha ha...er sob a cidade de ...reias. Não existe pe...igo imminente de des...amento de terra, a menos que ...recrudescencia dos phenomenos meteoricos attinja a um grão ...paz de determinar, então a ...eda de barreiras, facto aliás ...uco provavel, tomando em ...nsideração o quadro de ...alores da precipitação ...tmospherica no periodo ...e 1929 a 1936. A pro...a mais evidente de que ...se fendilhamento não ...ffectou o subsolo profundamente, de modo que pudesse occorrer um deslisamento de grandeza catastrophica, reside no facto que pouco abaixo da meia encosta do morro, existe uma nascente d'agua perenne, de vazão relativamente abundante e que não soffreu a menor alteração na sua potencia, nem na sua direcção. Fóra da cidade, nos cortes da estrada, nas mattas e nos terrenos lavrados, houve varios desabamentos de terra, alguns de grande proporção, uns devido aos taludes quasi verticaes e de grande altura, nas estradas, outros pelo facto do terreno silico-argiloso envolver grandes blocos soltos de gneis, as vezes semi-decomposto, em que as aguas se infiltravam, provocando o seu deslisamento. Na lavoura, a terra vegetal inconsistente, sob a acção da grande carga dagua e em terreno de forte declividade, foi em muitos pontos arrastada. Os factos citados, são todos de causas externas, sem a mais longinqua interferencia de factores geologicos internos.

*Ponte que ruiu no Mamanguape, em Mulungú, sob a torrente.*

*Uma das ruas da cidade de Areias, no Estado da Parahyba, onde occorreu o impressionante phenomeno geologico.*

*Effeito da enchente do Mamanguape, em Mulungú.*

*Outro aspecto da enchente do Mamanguape, em Alagôa Grande.*

Fachada do amplo edificio onde funccionava o "Lar da Creança".

# LAR DA CREANÇA

O "Lar da Creança" é um modelar centro de formação mental e moral para meninos, que a brilhante poetisa e advogada Adalzira Bittencourt, cercada de um devotado grupo de auxiliares, dirige e mantém no bairro de Copacabana.

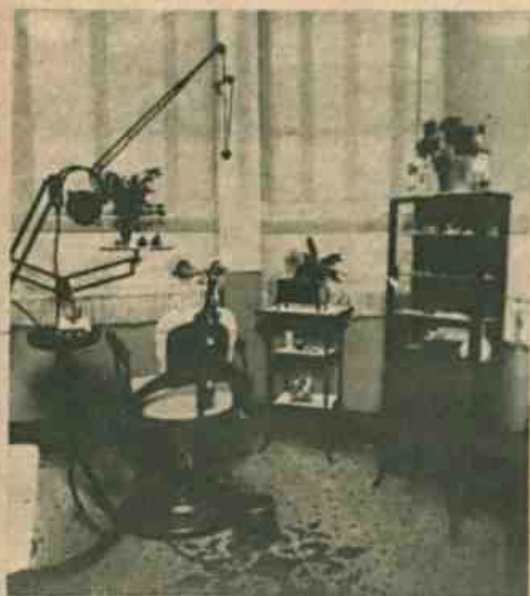
Embora se trate de uma iniciativa particular, e seja um educandario ainda em periodo de organização, o "Lar da Creança" offerece todo o conforto attendendo plenamente ás altruisticas finalidades que são o principal escopo de sua directoria.

Nesta pagina vemos alguns aspectos desse acontecimento que está fadado a ter grande destaque e a ser um dos orgulhos da população daquelle elegante bairro praiano.

Sala de aula, onde a petizada apprende brincando.

Dra. Adalzira Bittencourt, directora do "Lar da Creança", e suas auxiliares.

Refeitorio

Gabinete dentario

PARA muita gente, Carnaval é na Avenida Rio Branco. Fóra dahi, Momo perde a graça. A verdade é que ha o Carnaval da Praça Onze e adjacencias, que não é tão elegante como o da Avenida, mas é igualmente animado, se não o fôr ainda mais.

O pessoal não escolhe muito a fantasia. Contenta-se com qualquer coisa que não seja a roupa de uso quotidiano, mas, quando cae no brinquedo, cae mesmo com vontade, com ardor.

Os dois lados da Avenida do Mangue se tornam os canaes de escoamento da multidão de foliões que vae ou vem da Praça Onze e é um espectaculo curioso esse desfile de subditos fieis do mais popular dos monarchas de todo o mundo, como os leitores terão opportunidade de verificar, olhando os aspectos interessantissimos destas paginas.

Ellas dizem bem o que são a alegria e o movimento dos carnavalescos que se divertem fóra da Avenida Rio Branco.

# O carnaval fóra da Avenida

# DO CARNAVAL QUE PASSOU

*Luis Peixoto.* *O empresario N. Viggiani.*

Um dos factores decisivos do successo dos festejos carnavalescos, este anno, foi, sem contestação, o grandioso e elegantissimo baile realizado no Theatro Municipal, concorrendo sobretudo para o exito dessa festa o ter sido a sua organização confiada á capacidade reconhecida do empresario N. Viggiani.

Esse technico, em quem os cariocas já se acostumaram a ver um dos mais habeis conhecedores do *métier*, cercou-se, por sua vez, de elementos de reconhecida competencia e gosto, entregando a ornamentação do salão onde a alta sociedade carioca se reuniu para festejar Momo, ao artista Luis Peixoto, que transformou a velha e austera platéa em um local maravilhoso, pelo gosto artistico, pelos effeitos de luz, pelo colorido e pela originalidade que a tudo soube imprimir.

Por isso mesmo o baile do Municipal esteve interessantissimo e deixou as melhores recordações.

*Senhorinhas Maria Thereza, Maria Leticia e Maria do Carmo, gentis filhinhas do ministro Agamemnon Magalhães, acompanhadas de uma priminha, com as fantasias com que brincaram no ultimo Carnaval.*

*Um aspecto do conjuncto do salão onde se realizaram as dansas, no Theatro Municipal, ornamentado por Luis Peixoto.*

# O ILLUSTRE JORNALISTA

I

Miguel desdobrou o guardanapo e limpou de vagar o talher e depois o prato fundo. "O meu pessoal está fazendo falta" — pensou, olhando os tres logares vagos na mesa. Martha e os gurys: Sergio e Ritinha.

O empregado veiu nesse instante perguntar-lhe se podia accommodar um novo hospede á mesa delle.

— Quem é, José? — indagou.

— E' aquelle lá, Dr. — esclareceu o rapaz, alçando o queixo em direcção ao fundo do refeitorio.

Miguel Barbosa observou e viu um homem gorducho, de calva reluzente e rosto rubicundo, falando com o gerente.

— Não ha mesmo logar por ahi? — perguntou Miguel.

— Está tudo cheio, Dr.

— E' uma espiga. Pois bem, póde trazel-o.

Cumprimentaram-se com um aceno de cabeça. O homem ageitou a banha na cadeira e depois correu o olhar pelo salão. Tinha os olhos salientes e grandes. Quando as palpebras superiores desciam, Miguel sentia a impressão de vêr-lhe duas amendoas colladas á flor da orbita, rodeadas por um par de taturanas negras. O commensal desconhecido buliu nos talheres, levou a mão á bocca e pigarreou:

— Esta pensão está me agradando...

Miguel levou um choque e depoz a colher no prato cheio de sopa. "Que voz horrivel, meu Deus!" Esperava ouvir uma voz grossa, de barytono, condizente com aquelle corpanzil, e vinha-lhe um som de falsete, fino, como a voz de Ritinha. A principio julgou que fosse brincadeira do homem. Mas o desconhecido tornou a falar e continuou falando naquelle fiozinho infantil e Miguel, parando de comer, ficou espiando, entre curioso e admirado. O homem não tinha dentes nenhuns e ao falar mostrava a gengiva vermelha, lisa como a de um bebé. Miguel voltou o rosto para o prato e levou uma colherada de sopa á bocca. Fechando os olhos sentia junto de si a Ritinha, quando era menor, toda rechonchuda, a tagarelar, no logar daquelle obeso companheiro de refeição.

— Penso ter resolvido um dos mais importantes problemas da minha vida de homem solteiro — dizia o desconhecido. — Imagine que tenho percorrido, numa especie de via-crucis, innumeras casas do genero...

Interrompeu-se um pouco para tomar folego, fungando. A falta de dentes dava-lhe um aspecto pegajoso aos labios. Mastigando, o nariz bolotudo sumia e apparecia, entre as bochechas e os maxilares. Todo o rosto mastigava com elle. E fungava.

— ...não que eu seja exigente em questões particulares. Absolutamente. A popularidade do meu nome é que me estraga quasi sempre a vida... Todas as pensões são excellentes nos primeiros dias; logo, porém, a gente vae ficando conhecida e os aborrecimentos surgem. Espero ser mais feliz aqui, pois estou sympathisando com todos. Parecem ser bôas pessoas...

— Excellentes.

— Ao vir para cá estava pensando em fugir de novos conhecimentos. O meu genio é contrario, entretanto, a isso. Veja: — e esgrimiu a faca no espaço — mal cheguei e já estou a travar relações com o Sr.

Falava por accessos, interrompendo-se a cada instante, ora servindo-se, ora mastigando ou fungando.

— Gosto de ser franco — adduziu. — Confesso que gostei do Sr. desde logo e acho que devemos pôr a cerimonia de parte. Eu me chamo Edgard Peter. Creio que já conhece o nome, pois é popularissimo nas rodas jornalisticas...

Miguel susteve o garfo cheio no ar, procurando na memoria aquelle nome. O cerebro, depois de alguma busca, voltou com esta informação: não temos esse nome. Não servirá Peter Pan? Edgard Pôe? Temos outros tambem... Não, não serviam.

— ...escrevo muito. Os meus trabalhos vivem espaçsos pelos jornaes mais notaveis do paiz. Não quero saber de posições. Foge do meu feitio modesto, apesar dos convites insistentes para occupar cargos eminentes que me têm sido dirigidos...

Parando de comer, Miguel olhava espantado. "Que homem engraçado! Engraçado e parece que meio..." Fez mentalmente um gesto com o indice e o pollegar, em circulo no ar, como quem diz: desajuizado.

Mas enguliu num arranco o alimento e voltou-se para Miguel:

— O gerente disse-me que aqui na pensão ha um collega...

— Collega?!

— Sim. Diz que é do "Correio Paulistano".

Miguel sorriu.

— Talvez se referisse a mim.

O homem deu um gritinho, que attrahiu a attenção dos vizinhos.

— Ao Sr.?! Então é meu collega? Ora, ora. Venha de lá um grande abraço... Um immenso abraço de confraternização...

Antes que Miguel pudesse prever, estava o Peter sobre elle, comprimindo-o com os braços e o ventre bojudo. Miguel já duvidava do juizo do homem. O abraço ruidoso mais duvidas lhe trouxera ao espirito.

II

O *illustre collega* tomou-lhe um bom pedaço da tarde, sempre falando, até que Miguel conseguiu retirar-se. Ao outro dia, um domingo, ainda para fugir-lhe, Miguel almoçou no appartamento e estava justamente pensando em que empregar a tarde, e nisto entra o Peter, semcerimonioso, gritando esganiçadamente, risonho, um riso vermelho de bebe recem-nascido.

— Olá, illustre e conspicuo collega! Venho fazer-lhe uma visitinha e mostrar-lhe parte da minha bagagem, já que não a conhece...

Bateu com a mão espalmada na pasta de couro que trazia e Miguel sorriu contrafeito.

— Hontem, depois da nossa palestra, lembrei-me de artigos do collega, brilhantes sem duvida... — mentiu Miguel.

Edgard empertigou-se radiante.

— Ah! leu? Tinha a certeza... Tinha a certeza... Está vendo? Os meus artigos são lidos por todo o Brasil. Se quizesse, poderia estar na Academia de Letras. Não quero. Prefiro manter-me sempre afastado. — E enfunando o peito: — a modestia é a suprema virtude dos genios...

# Uma fonte de saúde para as creanças

O conhecido educador João de Camargo mantem, de ha muito, na pittoresca ilha de Paquetá, junto á Escola Brasileira de que é directora, a Colonia de Férias de Paquetá, destinada ás creanças de ambos os sexos, menores de doze annos que quizerem passar os periodos de repouso e recreio sob assistencia educativa.

Funccionando desde 1928, a Colonia de Férias de Paquetá tem sido frequentada por mais de mil creanças, que ali fazem estagio com periodos de repouso, de recreio, de jogos, de trabalhos recreativos, de banhos de mar e de sol, de passeios, reuniões literarias, artisticas e religiosas e pratica de sports. Ainda este anno, a Colonia de Férias de Paquetá attrahiu uma multidão de creanças que, no clima saluberrimo da formosa ilha fizeram o mais completo estagio de saude e de cultura.

---

Andava pelo aposento de um lado para outro, gesticulando. Aproveitando um momento em que elle parou para fungar um pouco, Miguel fez-lhe ver delicadamente que necessitava sahir.

— Pois não, collega! Pois não! Antes, porem, faço questão que conheça em primeira mão o artigo que acabo de escrever sobre a situação politica actual. Um artigo formidavel! Uma peça retumbante! Extraordinaria!

As batatas! As batatas! Miguel lembrou-se de Quincas Borba. Não havia connexão com o caso, mas lembrou-se atoa. Vá a gente querer governar os pensamentos. "Não ha duvida, é um mythomaniaco. Alem disso fala como uma torneira aberta. E' bem como aquelle personagem de Machado de Assis, que tinha a lesão da fala".

Quando Miguel conseguiu desvencilhar-se delle desceu para a rua. Mas na porta voltou:

— O' José, você conhece o Edgard Peter?

— Aquelle que jantou com o Dr. hontem?

— E' esse mesmo. Você vae até o quarto delle dar-lhe um recado.

— Sim, Sr.

— Você chega e diz: "*Seu* Peter, hontem eu vi o Sr. conversando com o Dr. Miguel, e como o Sr. é novo aqui na casa, achei melhor vir avisal-o para tomar cuidado. O Dr. Miguel de vez em quando tem accessos de loucura furiosa. Ha pouco tempo quasi matou um amigo ahi no appartamento delle".

O José arregalou os olhos, surprehendido. Com uma moeda de dois mil réis, entretanto, Miguel o convenceu.

III

De volta, á noite, Miguel soube que o Peter se retirara com as malas, allegando chamado repentino do interior. Depois disso, não o avistou mais e já estava esquecido delle quando uma noite, na redacção, lendo os jornaes á procura de assumpto para um *suelto* politico, o Peter famoso surgiu-lhe, agora atravez do noticiario policial.

A cidade andava, naquella epoca, eriçada de comicios politicos. Atravessavamos exactamente as vesperas da revolução de Outubro e o ambiente parecia querer tomar um aspecto tragico. As facções de idéas e partidos antagonicos provocavam-se em todas as opportunidades. Os conflictos repetiam-se com frequencia. Naquelle dia, post-meridiano, a Praça do Patriarcha, o logradouro escolhido para as disputas, viveu horas agitadas. Determinado grupo promovia uma manifestação em favor das suas idéas, informava o jornal, discursando aos que lhe estavam proximos. Mas surge de repente uma desintelligencia entre os assistentes. Discussões, gritos, sopapos e eis que desponta inesperadamente na rua Libero Badaró uma leva de cavallarianos da policia e investe desabridamente sobre o povo. Foi um corre-corre confuso, barulhento. As casas fronteiriças trataram de cerrar incontinente as portas. O povo esparramou-se e em assaltos disputava os cafés, as lojas, os corredores, os vãos dos mostradores. Ninguem se entendia. Nisto um mostrador estalou, cedendo á pressão dos populares, e o fragor dos vidros partidos estruge junto a um grito, um berro doloroso, que se foi perder nas quebradas do valle Anhangabahu. A calma foi voltando á praça e minutos depois tudo era silencio, apenas quebrado pelo estrupido dos cavallos da policia, a passear de um e de outro lado.

Mas lá ao pé do mostrador quebrado ficara cahido o corpo de um homem gordo, calva reluzente á mostra, o rosto rubicundo todo ensanguentado. A bocca entreaberta num rictus de dôr, exhibia duas gengivas lisas e vermelhas como a de um bébé. O cadaver foi identificado por diversos papeis que trazia no bolso, como sendo o de Edgard Peter. Até o momento de encerrar a edição, concluia o jornal, o corpo não havia sido reclamado pela familia.

E nem foi, segundo Miguel poude vêr á sahida do feretro, no necroterio. O *rabecão* sumiu lá em baixo na rua e Miguel ficou parado, vendo ainda e ouvindo aquelle *collega* gorducho, que falava como uma torneira aberta. "Sim, Sr... Até na morte foi modesto. Vejam: vae ali no *rabecão*, sem flôres, sem acompanhamento e nem necrologio... Um jornalista illustre. Ora vejam..."

Miguel tirou um cigarro da cigarreira, bateu-o, accendendo-o. Tirando um lenta fumaçada, largou o corpo pela ladeira acima, assobiando baixinho e inconscientemente uma musica que muito apreciava: "num mercado persa..."

*Musa*

# ACADEMICA

## RIO DE JANEIRO

Entre rochêdos formidandos, dorme
Embalado na concha de esmeralda!
O mar sussurra placido, uniforme,
Do Pão de Assucar junto á pétrea fralda.

Do Corcovado, então, a serra enorme
Esprêita o firmamento, que engrinalda
Esse Gigante secular, informe
Que ha milenios sorri ao sol que o escalda.

Guanabára — formosa e abrilhantada
Relembra quasi uma Venêza antiga
De perolas de luz toda engastada...

Como requinte de alta fantasia
Entre belêza e luz que o olhar fustiga,
Sobre o golfo o "Cruzeiro" se alumia.

HENRIQUE ORCIUOLI
(DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS)

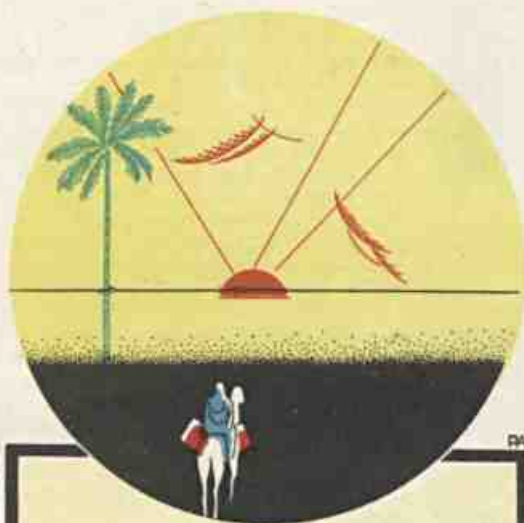
## AVATAR

Ei-lo! Chegou o esplendido momento
Em que Vichnú, baixando á terra escura,
Constelará de sóis o firmamento,
Enchendo os ares de uma luz mais pura.

O branco Kalki cavalgando, ao vento,
A alma divina descerá da altura,
Na cavalgada do deslumbramento,
Em arco abrindo as asas da ternura.

Então os campos se abrirão em flores,
Sob o olhar amoroso das estrelas
E á alegria dos pássaros cantores.

Porque da morte na caricia terna,
O corpo se transforma em coisas belas
E a alma divina permanece eterna.

CUMPLIDO DE SANT'ANNA
(Alfredo)
(DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS)

## O DESERTO

Caminha a caravana: o areal se patenteia
E perde-se de vista, ao longe, no hori-
[zonte.
Nem uma aza no azul, nem um cimo de
[monte...
Apenas um lençol que se enruga e que
[ondeia...

Em seu branco albornóz o beduino va-
[gueia:
Penosa travessia, a um sol que crêsta a
[fronte;
Nada que o desanime e nada que o ame-
[dronte,
A não ser o *simoun*—o furacão de areia...

Si, após a tempestade, a caravana avança,
Buscando o oasis, vê, qual fanal de espe-
[rança,
Fulgir, ao seu olhar attonito, a miragem...

Avança sempre, avança, em ansioso atro-
[pello:
Mas acha, quando crê chegado o fim da
[viagem,
As gibas do deserto—o colossal camello!

MODESTO DE ABREU
(DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS)

# BOCA QUEIMADA

JOAQUIM THOMAZ

NAQUELLA manhã o dia amanhecera lindo. O céo de um azul sem mancha reflectia-se soberbo e sereno sobre as aguas tranquillas do mar. O mar levemente ondulado vinha preguiçosa e languemente beijar os alvos pés macios da areia na praia muito branca e sem a mais leve sombra. Havia uma festa estonteante de luz, de aves, de insectos, de flores, dentro da alma dionisica do Dia.

Era um domingo, justamente.

A Egreja do Sacramento estava regorgitando de gente. Nas calçadas de pedra-sabão havia uma infinidade de homens aguardando a terminação da missa das 9. Havia-os tambem em grande numero lá dentro. Mas a massa de fóra da Egreja era muito maior que a que estava prosternada ante o altar vistoso e enfeitado do Santissimo Sacramento acompanhando o officio lithurgico.

A razão daquella agglomeração era simples. Ia haver eleição naquelle dia e trava-se uma luta surda entre os conservadores e os liberaes do tempo.

Havia uma guerra disfarçada entre os homens dos dois partidos e não levaria muito para ella resôar com todas as suas trompas e todos os seus solertes clarins de guerra. Naquelle dia ia se decidir uma grande empreitada. Ou havia muito sangue com a derrota fragorosa dos liberaes, que, no caso de perderem as eleições, procurariam uma desforra pelas armas contra os conservadores, ou elles ganhariam a partida que de duas outras vezes lhe tinha sido negada pela sorte. Perder calmamente é que não! Arrebatariam as urnas, fariam fogo, estralariam as suas escopetas e os seus trabucos, brigaram de punhal, de navalha, de pão, de pedra, de tudo, mas aquella eleição era na certa. Ou se decidia para o lado delles ou o sangue empaparia as ruas de Sant'Anna. Perder e cruzar as mãos nas costas seria um vexame, um ultraje, uma acção indigna e feia.

A luta vinha de longe. Bem que elles estiveram no poder algumas vezes. Mas já por duas legislaturas que lhe arrebatavam o bastão e sem mais aquella. Os ralos votos que conseguiam, conseguiam-nos a poder de bala. A força dos conservadores era imponderavel. O suborno em dinheiro era muito mais poderoso que o aceno de promessas. Nisso estava o segredo daquelles. Muito longe ainda das eleições a capadoçagem entrava a fazer a propaganda do partido contrario aos liberaes. Que os mandatarios dos conservadores nas côrtes seriam os legitimos representantes da soberania do povo, os defensores intransigentes do direito, das liberdades publicas, das instituições honestas, dos principios moraes onde se descansavam as garantias das familias e da sociedade, diziam.

Os *meetings* proliferavam de maneira assustadora. Era na Ajuda, em São Christovão, no Sacramento, em Sant'Anna, na Gloria, em Botafogo, na Gavea, nos recantos mais longiquos dos suburbios. A acção dos conservadores não media tempo nem logar. Fazia-se sentir em tudo, por tudo.

Os liberaes, por sua vez, não descansavam. Eram, porém, um pouco mais moderados. Nada de pregações que trouxessem no seu bojo ameaças. Queriam as eleições publicas, feitas com regularidade, em ordem. Mas... Neste "mas" é que estava a cousa. De um momento para outro poderia desencadear-se a mais tremenda das borrascas; a mais incrivel das tormentas. Bastava um signal do Dr. Francisco Marques Dias da Cruz, chefe liberal, que foi successivas vezes delegado da Camara dos Deputados e que era professor da Faculdade da praia de Santa Luzia, para o scenario transmudar-se todo num abrir e fechar de olhos. E quem visse os liberaes pregando o credo do seu partido com voz doce, gestos serenos, impavidos mesmo, não supporia que cada uma daquellas pombas sem fel poderia ser transformada num bravio e sanguisedento jaguar do deserto. Ao contrario dos conservadores que eram ostensivos, amigos da luta, predispostos aos recontros mais temiveis, os liberaes se enovelavam na capa sedosa de uma pacatez que inquietava, demonstrando uma segura confiança na acção dos seus cabos quasi todos elles homens de certo conceito, muito embora não dispuzessem de uns tantos argumentos convincentes e decisivos para angariar eleitores...

Eram, precisamente, 11 horas quando as eleições começaram na Egreja do Sacramento.

O templo estava apinhado. A multidão crescera de modo assustador. Aquella eleição ia decidir a sorte de muita gente. Não se falava de outra cousa, em todas as rodas, desde muito tempo.

Dividiram a nave em dois sectores. Bem no meio ficou a mesa da Presidencia. Occupava-a o Dr. José de Mello Canto, juiz de direito da Vara dos Orphãos. Um homenzinho meudo, com signal de bexigas no rosto já avelhantado. Era Secretario da Mesa o provedor da Ordem do Rosario, commendador Francisco Paula Lopes de Nobrega. O escrivão começou a chamada depois que o juiz Mello Canto pediu ordem e silencio.

A obediencia a este appello do juiz durou momentos. Dahi ha pouco o vozerio se alterou de novo á semelhança do regougo do mar quando bravo. A grande maioria, quer de um lado, quer de outro, era composta de malandros, de vadios, de sujeitos sem profissão certa, que, naquelle dia, tinha descido dos suburbios, dos morros, das ravinas mais distantes da burgueza civilização da Côrte para exercer o seu direito de escolher, de votar.

Ao meio dia menos dez o escrivão chamou alto: Antonio Affonso Limeira! Antonio Affonso Limeira! Antonio Affonso Limeira!

Uma voz grossa se ergueu mais alta que todas as outras e respondeu: Presente!

Dahi dois segundos um homem de côr parda, alto, de quarenta a quarenta e cinco annos, se tanto, chegava junto ao escrivão para assignar o livro e depor o seu voto. Era da ala liberal. Ha vinte e cinco annos que elle fazia aquella mesma cousa. O pae fôra liberal, os irmãos liberaes, liberal era elle de corpo e alma. Creára o Dr. Bezerra de Menezes, um dos chefes mais destacados de Sant'Anna. Dera-lhe alguma instrucção. Antonio Affonso era destemido. Com 18 annos já tinha elle no corpo para mais de seis balas, e alguns signaes de faca. Briga ali era com elle. Mas briga limpa. Nada de traições, de surpresas, de emboscadas...

Quando Antonio Affonso apresentou o seu titulo ao juiz Mello Canto, uma sarraivada de vozes espoucou no ar como um anathema: "Boca Queimada"! "Boca Queimada"! Olha o "Boca Queimada"!

Foi a mesma cousa que chegar fogo ao estopim. Este insulto dos conservadores, atirado ali ás bochechas do chefe de quasi dos mil homens, fez com que o fogo da paixão politica, mal contido sob as cinzas das apparencias, crepitasse de novo sobre os corações conservadores e liberaes e lavrasse incendiando tudo que estivesse ao alcance das suas vinte mil linguas destruidoras. No mesmo instante a nave da Egreja do Sacramento se viu transformada num campo de batalha. Eram punhaes, navalhas, garruchas, revólveres, bombas, porretes, luta corporal por todos os cantos. O Corpo de Policia da Côrte foi chamado ás pressas. O juiz Mello e Canto conseguio safar-se e mais o secretario Lopes da Nobrega. O escrivão, não. Ficou cercado naquelle inferno onde rugiam feras. Os soldados, ao entrar, foram logo atacados. A fuzilaria era ensurdecedora.

O Dr. Bezerra de Menezes, chefe de Sant'Anna, de quem "Boca Queimada" era amigo dedicadissimo, estava transfigurado. Parecia um general. Commandava, espumava, dava ordens, vivas ao Partido Liberal.

A chacina durou mais de uma hora. Mortos de lado a lado. Um sem numero de feridos.

Na Rua do Lavradio, onde morava o Dr. Bezerra de Menezes, na noite desse domingo sangrento, "Boca Queimada" morria.

Contaram-lhe no corpo 37 navalhadas, 11 tiros de pistola e varias contusões por pauladas.

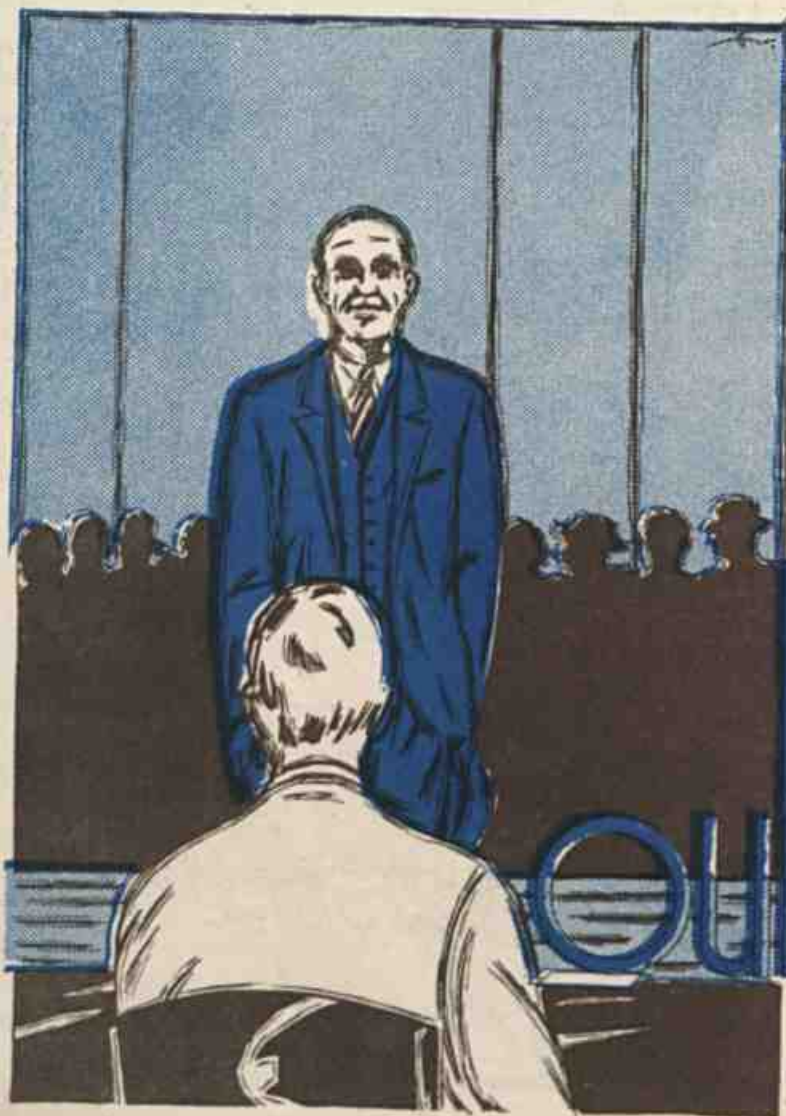
Tudo isso porque elle ficara defendendo o Dr. Bezerra de Menezes, que se occultara na sacristia da Egreja do Sacramento depois de ter esgotado toda a sua munição.

Um bravo o "Boca Queimada". Um dedicado. Capaz de morrer algumas vezes pelo chefe liberal de Sant'Anna, seu amigo, seu protector, seu quasi pae, o humanitario clinico Bezerra de Menezes, o idolo das creancinhas sem pão e sem remedio, das viuvas sem tecto e sem amparo, dos enfermos sem codea e sem agasalho, de todo aquelle grande e populoso bairro celebrisado nas chronicas veneraveis do tempo de ouro e nevoa do Segundo Imperio.

# DICCIONARIO DE EMERGENCIA

LABARO — Nome bonito, a que os oradores recorrem para que não se saiba que elles estão falando de *bandeira, estandarte*, etc.

LABIA — Maneira macia de enganar os outros. Cousas de mulheres bonitas e caixeiros viajantes espertos.

LABIO — Beiço de gente rica.

LABYRINTHO — Complicação, de origem grega, de que difficilmente se acerta a sahida. Namôro com môça romantica, de familia necessitada.

JOTA — Letra illustre, que precisa de quatro letras para existir sonicamente...

JAMBO — Fruta loura, do Brasil, á qual os poetas teimam em comparar as morenas do mesmo paiz...

JALECO — Casaco encurtado pela pobreza do dono ou estupidez do alfaiate.

JEROPIGA — Maneira original de ser cachaça.

JANDAIA — Ave celebre, que tem a mania de cantar nas frondes da carnaúba...

JAQUETAO — Paletot com pretensões á vida diplomatica.

JOAQUIM — Sujeito que vive eternamente ameaçado de acabar sendo Quincas...

JAMEGAO — Assignatura de sujeito da gyria.

JAZER — Verbo proprio para lapides funebres e noticiario policial dos jornaes.

JEREMIAR — Lastimar biblicamente, chorar com o Evangelho á vista.

JURO — Especie de juramento, que torna o dinheiro mais caro e o judeu mais rico.

JUSANTE — Maneira pretenciosa de dizer que a maré está baixa.

JUSTIÇA — Entidade abstracta a que os homens recorrem quando querem perseguir alguem ou fugir a alguma punição.

K — Letra idiota, collocada no alphabeto latino á custa de empenhos e que servia, outrora, para escrever kermes, kermesse, kanguru e kaleidoscopio.

LA' — Lugar onde nunca estamos. Nota musical. Começo das la...mentações.

LACÔNICO — Sujeito que, depois de assistir ao incendio da propria casa e á morte, em torresmos, da mulher e dos filhos, responde a quem lhe pergunta o que ha de novo: NADA...

LACRIMEJAR — Chorar economicamente, chorar ás gottas. Lubrificar o globo ocular para effeito romantico ou esthetico.

LAGARTA — Especie de insecto que, tendo horror á aviação, prefere ficar em baixo, roendo folhas de couve.

LAGE — Pedra sentimental com que se cobria, outrora, o cadaver das namoradas romanticas. Exemplo: "debaixo desta lage fria, etc. Hoje, ilha fortificada.

LADEAR — Passar ao lado... de uma questão. Evitar perguntas da familia quando se chega em casa com o olho ennegrecido e o chapéo amassado.

LAGRIMA — Solução alcalina, de origem ocular, de que as mulheres se servem para dissolver a colera ou a indifferença dos homens que não sabem chimica.

LAIS — Mulher grega, muito bonita, que fez uma serie de poucas vergonhas notaveis.

LIMA — Laranja desenxabida. Laranja typo de moça velha que vae perdendo, com a idade, o sabôr e o assucar...

LAMAÇAL — Reunião de lama, na via publica, para metter medo aos pedestres.

LANGUIDO — Com vontade de fazer alguma cousa que não presta. Estado em que fica um sujeito quando quer pedir um beijo á namorada.

LINGUA — Orgam cartilaginoso, mais ou menos longo, com que as mulheres impedem que os outros falem...

LEITAO — Porco menino, porco em idade escolar.

LADRAO — Sujeito que se apropria violentamente dos bens alheios. O que se apropria *juridicamente* dos mesmos bens — têm outro nome...

LAMBIQUE — Fórma economica de escrever alambique...

LAR — Lugar sagrado onde ás vezes, um homem se aborrece mortalmente...

LASSO — Fatigado, com dois s...

LATIFUNDIO — Terra, para effeitos rhetoricos.

LAXATIVO — Remedio innocente, para fins ruidosos.

LEITO — Lugar onde os homens param e onde os rios correm.

LENIR — Aliviar, com poucas letras...

LIBAR—Maneira literaria de *chupar* alguma cousa... "Liba-se" um vinho caro, mas é ridiculo libar agua mineral...

LIGEIRAMENTE — Adverbio comprido, que serve para significar actos rapidissimos.

LISO — Sem uma prega. Ex. de cousa lisa: o cerebro dos peixes e o das damas...

LUNAR — Relativo á lua e aos malucos.

LYRIO — Especie de flôr, desmoralizada pelos poetas ingenuos e pelas virgens espertas...

LUSTRAR—Verbo que tanto serve para o soalho de uma casa como para o cerebro de um sujeito...

LUVA — Parte do vestuario que, em certos homens, deveria chamar-se "ferradura".

LUXAR — Desconjuntar alguma cousa. Gastar dinheiro em bobagens. Desarticular... o osso ou o orçamento...

LANÇADEIRA — Peça da machina de costura, cuja funcção, na vida, é ir e vir... Muito parecido com as mulheres, que della se utilizam...

LENÇOL — Lenço que foi estudar no estrangeiro e voltou crescido demais, sendo obrigado a recolher-se á cama por não caber no bolso de ninguem.

LENÇO — Quadrado de panno em que as mulheres enxugam as lagrimas fingidas, afim de obterem cousas verdadeiras...

LIQUIDO — Que se adapta á forma do vaso que o contém. Imagem viva e oscilante de certos politicos sem vergonha...

LUME — Fogo poetico, de rima facilima...

BERILO NEVES

# CONSOLAÇÃO

Eu embarquei no barquinho de papel e voguei pelo oceano ignoto da Vida.

Em cada onda havia um perigo e em cada vento uma tempestade.

Mas o barquinho de papel cortou as ondas e venceu as tempestades.

E navegava sempre no mar muito explorado e pouco conhecido.

E eu consegui chegar ao meio do oceano da Vida sem que soçobrasse o barquinho de papel...

O ceu era um manto negro bordado de prata com que Deus se vestia para espiar os homens.

O mar era um tapete esverdeado onde muitos barquinhos vogavam ao sabor das vagas inconcientes.

E o ceu tinha uma estrella bonita que despertava a minha cobiça.

E o mar tinha uma mansidão cruel que imobilisava o meu barco.

E o vento era dôce como o amavio feminil e fugia de mim como o gamo selvagem.

Então eu ergui os braços para o céo imenso. E quiz inutilmente segurar a estrella.

Eu queria navegar sozinho com a felicidade invisivel. Mas a maré detinha o barquinho de papel.

E o vento ainda fugia de mim...

Veio, depois, a Riqueza que era um peixe de escamas de ouro.

E ella me olhou e me inqueriu:

"Oh tu, argonauta da felicidade! procuras em mim o destino da tua viagem?"

E eu, tristemente, respondi:

"Vai-te, oh deusa infernal! e deixa-me, antes, na solidão da Esperança!"

E o peixe mergulhou e jamais reappareceu...

Veio, depois, o Amôr que era uma sereia de azas de pomba.

E ella me olhou e me inqueriu:

"Oh tu, argonauta intrepido! por que vogas sozinho no mar tenebroso?"

E eu, alegremente, respondi:

"Canta, oh sereia adorada! que ha annos eu espero o teu cantar! Se vogo nestas aguas é porque esperava que tu me trouxesses consolação..."

E a sereia cantou a sua canção mais subtil...

E a estrella do céo illuminou a minha rota.

E as correntes do Destino levaram o barquinho de papel.

E eu senti a doçura do vento que acariciava a minha face.

Proseguí, pois, a viagem inutil ao som mavioso da canção da sereia...

**por helio do soveral**

# FEMINISMO

Todo o mez ella entornava phrases do alto da tribuna do gremio feminista. Palmas histericas applaudiam sempre aquelles discursos cheios de revolucionismo teorico. E Maria da Graça Moreira estava feliz naquella vida de Repartição e de Presidente do G. F. A. G. De vez em quando uma sessão extraordinaria perturbava o chronometrismo na vida do gremio. Normalmente uma sessão em cada meio e fim de mez...

..."você precisa Mariazinha, vir passar uns dias aqui comnosco, como você se lembra se deu muito bem no anno atrassado"...

A carta de Christina era de pouco portuguez, nenhuma grammatica, mas muita sinceridade. Maria da Graça gostava mesmo da prima. Com toda a certeza aceitaria o convite que na ultima carta já era insistente.

As reuniões do G. F. A. G. encerraram-se com um bom discurso da Sra. Presidente. Maria da Graça prometteu até escrever sobre o thema "A Mulher Norte Americana em face da Sociedade". Era provavel que a "quietude hospitaleira de uma cidade do interior pudesse ajudal-a nas suas humildes aptidões para as conferencias que as queridas amigas a tinham feito realisar, arrancando-a de sua obscuridade"... etc.

Dias depois ella chegava com tres malas e os eternos oculos montados no nariz, á uma estaçãosinha que quebrava a homogeneidade monotona das duas parallelas de aço que pareciam querer achar o infinito.

Houve recepção muito amavel. Chegou a achar esquisita a presença daquelle sujeito moreno.

— E' o José Costa, um amigo do Frutuoso, Mariazinha. Veio a negocios. Elle quer comprar uns alqueires p'ra plantar café. E' um rapaz muito distincto...

Como a Christina era casamenteira! Ella tinha provocado o encontro. Não houve romance nenhum. Foi tudo muito rapido. O enxoval levou uns seis mezes si tanto.

Quem hoje em dia passar na estaçãosinha achará tudo na mesma. A fazenda do "Seu" Frutuoso, tal e qual. Mais adiante entretanto ha uma outra que não havia.

— Que bella plantação de alface!

Ha uma casa grande com varanda em toda a volta. Na varanda, uma criatura gorda, indolente numa rede tira a césta depois de um bom almoço. Mais tarde acorda. Providencia o jantar. Dá ordem ás pequenas.

Ah! D. Maria da Graça Moreira Costa, quanta virtude!...

J E R O N Y M O   D I A S   L I N S

# IGNORANCIA...

...Eu, ás vezes, tenho vontade de morar numa casa de páo a pique, com tecto de sapê. Uma casa com chão de barro, onde pisasse descalço, com meus pés disformes, de sola petrificada.

Eu deveria ter tão pouca sensibilidade a ponto de ser totalmente indifferente á falta de esthetica dos meus pés. Queria desconhecer, ignorar a esthetica.

Desejava ser um caboclo, nem forte nem fraco, que dormisse, desde o principio da noite até o principio do dia, de mistura com meu cachorro e meu gato, na dureza saudavel de uma esteira...

Um caboclo que, ao levantar, se sentisse bem e ficasse contente dentro dos rasgões de uma camisa de algodão...

Eu haveria de viver alegre, cantarolando... Não as canções da moda, com os requintes exigentes e irritantes de um portuguez quasi correcto... Cantaria umas canções quaesquer, deturpadas, profundamente, nas letras e nos sons, pela minha ignorancia inconsciente...

Ignorar a propria ignorancia... Que felicidade!

Ser ignorante á ambição de muita gente que sabe ler e escrever.

E eu haveria de não ter vontade de aprender a ler, para assim desconhecer muitas verdades que não pudesse adivinhar sósinho.

Ignorando o valor da intelligencia e da cultura; saboreando, sem sentir, a belleza ambiente da matta; eu haveria de, inconscientemente, conhecer uma despreoccupada alegria, e... ser feliz... Até, qualquer dia, morrer... ignorando que havia sido feliz...

M A U R I C I O   P I N H O

# ESPLENDOR DA VIDA

A flôr é o esplendôr da podridão. Plantae uma roseira num monturo infecto.

Pompeando no fulgor do viço e da belleza, o pé de rosas medrará maravilhosamente. Quanto mais podre e immuda for a esterqueira, tanto mais lindas e odorantes hão-de ser as flôres. Guerra Junqueiro, o grande poeta luso, deixou escripto nas "Prosas dispersas": **A raiz chupa ao lodo a flôr que nasce na vergontea.** ..

As rosas se desfolham. Cahem por terra. E murcham, seccam, morrem, apodrecem.

E a podridão das rosas se transforma em novas rosas... Assim, a vida. E' a vida que resurge eternamente do que é morto. A vida é a morte viva... A morte que vive!... E' o triumpho da morte! E é um morrer continuo, lento e lento...

P. J. MOREAU

Chapéos?

Virão modelos differentes para a meia estação? Diz a parisiense que o que exportará será apenas o que Paris está a applaudir: fantasia, muita fantasia no que guarnece a cabeça das mulheres, completando-lhes o chic da indumentaria.

Plumas em cachos ou num pequeno torcido, pennas ou couro guarnecendo um panamá brilhante; laize bordada ou renda num feltro "violine", marinho ou preto chapéos de alta copa, uns sobre os olhos, outros pra traz da cabeça: toques de velludo minusculas e enfeitadas de azas, de laçarote; setim e palha grossa numa fôrma capeline; chapéus em diadema...

O difficil é escolher, dada a bolsa tão escassa de nikeis...

SORCIÈRE

*Para a rua: saia de alpaca de seda "marron", casaco verde medio, écharpe de velludo branco.*

*Gracioso vestido de crêpe vermelho e branco, fivelas de vidro branco, passadores e cinto de camurça preta.*

*"Tailleurs" classico — que a moda reverencia pondo em circulação*

*"Tailleur de escossês.*

# COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

*Margaret Lindsay* apresenta a *ultima* creação em materia de chapéo

FERNANDE — chapéos — modelos novos: Av. Rio Branco, 180 — Tel. 42-3322, Rio.

*Olivia de Havilland* assegura que este "toque" de velludo é elegantissimo.

*June Travis* demonstra a graça desta creação..

*Anita Louise* prefere este, um pouco estylo Escocia.

# DECORAÇÃO DA CASA

Dois cantos da sala de estar, decorados differentemente, porém com elegancia. No quarto os moveis são laqueados de verde suavissimo.

# DE TUDO UM POUCO

## CÉGA

Tropega, os braços nús, a fronte pensa, varias
Vezes, quando no céo o louro sol desponta,
Vejo-a no seu andar de somnambula tonta,
Despertando a mudez das viellas solitarias.

Arrimada ao bordão, lá vae... Imaginarias
Cousas pensa... Verões e invernos maus affronta...
Cousas que tem soffrido a todo mundo conta
Na linguagem senil das suas velhas arias.

Céga ! que negra mão, entre os negros escolhos
Do châos foi procurar a treva que ennegrece,
Para cegar-te a vista e escurecer-te os olhos ?

Céga ! quanta poesia existe, amargurada,
Nesses olhos que estão sempre abertos e nesse
Olhar que se abre para o céo e não vê nada !...

FRANCISCA JULIA

## ANECDOTARIO DE UNAMUNO

*Miguel de Unamuño*

Quando Unamuno foi exilado na França, escolheu Hendaya como refugio, afim de ficar mais perto da Hespanha.

— Do alto de Hendaya — dizia elle — vejo o céo de minha infeliz patria e isso me consola.

Mas, desesperado de não poder atravessar o Bedassoa, para sentir perfeitamente "na sua terra", descobriu uma noite uma caverna pré-historica que, começando no sólo francez, se extendia até mais um kilometro na terra hespanhola.

Unamuno se arrastou sobre os joelhos e á noite, sózinho, em meio da lama, transportou-se para o só lo de sua patria. E alli, no territorio iberico, deitou-se, com o coração satisfeito.

---

Uma vez, um poeta, um academico lyrico, disse-lhe que o destino da Hespanha se transviára porque esta havia sido, durante muito tempo, uma nação rica.

— Não — explicou-lhe o reitor da Universidade de Salamanca — a Hespanha se encontra na situação de um d. Juan que tivesse abusado de suas forças physicas. Ella se excedeu no seu amor ao mundo. E agora está exgottada. Aguardemos o seu restabelecimento.

---

Unamuno tornára-se reitor da Universidade de Salamanca em 1906. Primo de Rivera destituiu-o. A Republica reconduziu-o ao cargo. Largo Caballero exonerou-o de novo. Franco reintegrou-o. E o mesmo Franco demittiu-o logo depois, por causa de algumas palavras suspeitas, mas como elle se retratou, o general reconsiderou o acto.

— Veja — dizia Unamuno a um amigo — nem o rei, nem Azana, nem Caballero, nem Primo de Rivera, nem Franco, conhecem a Universidade. Ella me pertence por direito divino. Os politicos se envolvem com o que não lhes diz respeito. E isso é signal de decadencia de um paiz e de uma civilização. Separemos as sciencias da politica, dêmos autonomia ás Universidades. A' politica poderá esbarrondar-se, mas as letras permanecerão.

LEROY MARCH..

## PARA TER BELLOS DENTES

Hoje em dia todos preferem usar as pastas dentifricias que se vendem promptas, a mandar aviar receitas de pós e loções para os dentes. Todavia, quem quizer usar um bom dentifricio, de optimos resultados para a brancura dos dentes e frescura da bocca, mande preparar esta formula.

Uso externo:

| | |
|---|---|
| Carbonato de cal . . . . | 60,0 |
| Sabão neutro em pó . . . | 20,0 |
| Chlorato de potassio . . . | 10,0 |
| Saccharina . . . . . . . . | 0,25 |
| Ess. de hortelan—XX gottas | |
| Glycerina q. s. p. pasta. | |
| mm. em bisnagas. | |

A escovagem dos dentes com este dentifricio deve ser feita em sentido de rotação.

## PARA O SEU LUNCH

*Bolo Fidalgo*

Quinze ovos, 250 grammas de manteiga, 500 grammas de assucar, 250 grammas de farinha de trigo, 250 grammas de fecula de batata e leite de 1 côco. As gemmas são batidas com o assucar e as claras batidas em neve. Quando fôr para a fôrma, põem-se umas passas e depois de cheia, a fôrma, amendoas picadas por cima.

*Bolo do Campo*

Duas chicaras de assucar, 1 dita de manteiga, 2 ditas de farinha de trigo, 1 dita de maizena, 2 ovos e 1 clara, 1 chicara de leite, 1 colher de pó Royal. Bate-se a manteiga com o assucar, põe-se o leite, as farinhas misturadas e por ultimo os ovos batidos.

Eleanor Powell, a famosa dançarina da Metro Goldwyn Mayer, possue um cachorro policial allemão, de nome King, que está aprendendo a sapatear. Eleanor fez-lhe presente de um par de sapatos especiaes para a dansa. Imaginem vocês um annuncio nestes termos: "A Metro Goldwyn Mayer tem o prazer de apresentar uma sensação: Miss Eleanor Powell e seu par canino — King — co-estrellados por James Stewart e Franchot Tone !"

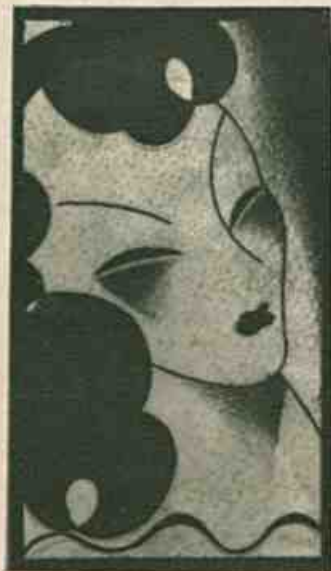
Não ha fans mais enthusiastas que os compatricios dos artistas. Fredric March, por exemplo, que nasceu em Racine, Wisconsin, recebeu um cartão postal de 8 pés de comprimento por 4 de largura, com 864 estampas de pessoas de sua cidade natal. Este é, dos presentes, os menos extravagante. Mandam, com frequencia, bolos, presuntos inteiros, sweaters tricotados, toda a sorte de peças de roupas, de mobiliario, instrumentos de musica, livros, retratos e até animaes.

Mandam-nos dizer de Hollywood : Charles Ruggles e Adolphe Menjou compraram um cachorrinho em miniatura, o qual immediatamente fez meia volta e mordeu o dono...

...Robert Taylor vae fazer uma viagem de ferias até a velha Europa.

...C. B. de Mille todos os dias come a mesma coisa no almoço, isto é, uma salada verde mixta, torta de côco e café gelado.

...Jack La Rue vae fazer o papel de Colombo num film italiano de Mussolini.

## IDÉAS SOBRE A MULHER

A historia de uma mulher é sempre um romance.

(*La Chaussee*)

A mulher zomba dos homens, como quer, quando quer, e emquanto quer.

O que o homem medita num anno, destroe-o uma mulher n'um dia.

Mais facimente se contém uma mulher no seu dever por amor, do que por medo.

(*Terencio*)

Se Deus fez a mulher, a serpente completou-a.

(*Casimir Dumas*)

Deus, que se arrependeu de ter feito o homem, nunca se arrependeu de ter feito a mulher.

(*Malherbe*)

As mulheres são demonios, que nos fazem entrar no inferno pela porta do paraizo.

(*S. Cypriano*)

Ha uma mulher na origem de todas as grandes cousas.

(*Lamartine*)

Quando os homens perdem a cabeça, as mulheres tomam sobre elles incontestavel superioridade.

(*Stendhal*)

PARA MENINOS: roupas a executar com fustão, linho ou flanella.

# MODA

Colcha e fôrro de penteadeira talhados em "taffetas" tom pastel, guarnição de fita de velludo escuro.

Jardineira de metal cromado, e "abat-jour". Destina-se a "hall"".

Para jantar: vestido de organdi estampado, casaco de setim verde vivo.

Vestido de setim para de tarde.

Camas de madeira escura, pés e cabeceira forrados de tecido escossez.

# DE VERAO

## FIGURINOS FRANCESES

Star — Iris — Smart — Stella — L'Elégance féminine — **L'Enfant** — Record e Trés élégant.

Ultimas edições agora chegadas da Europa.

Distribuidora exclusiva no Brasil: S. A. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio.

A' venda em todas as casas de Figurinos — Livrarias e Jornaleiros.

Vestido para casa — Crêpe marinho estampado de branco.

Accessorios elegantes

## OBSERVE

SEU espelho mostrará, dia após dia, a transformação operada pelo Creme Rugol em sua cutis. Logo após as primeiras massagens, somem-se as rugas, espinhas, cravos e manchas da pelle. Comece a usar o Rugol hoje mesmo. Ficará surprehendida com o resultado.

Creme RUGOL

**RECORD** Figurino mensal, com mais de 140 modelos simples, praticos e elegantes, para senhoras, moças e creanças. Contém em cada numero bellas reproducções photographicas de modelos de alta costura e trabalhos de senhoras, encantadores e de facil execução.

Em todas as casas de figurinos e jornaleiros.

## OS BANHOS DE LUZ NO TRATAMENTO DA OBESIDADE

pelo DR. PIRES

*(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)*

Toda pessôa traz comsigo uma ambição essencial e muito justa, que é a de ter o corpo sempre elegante, bem feito. A gordura constitue um dos maiores attentados á esthetica. Entretanto, não é só sob o ponto de vista da plastica que a obesidade deve ser observada. Ao lado do impecilho no modo de vestir, da difficuldade no andar é preciso ainda dizer que a obesidade é uma doença, offerecendo graves prejuizos para a saude e em particular sobre os orgãos circulatorios. A gordura é, portanto, uma molestia e deve ser tratada.

*Os banhos de luz são muito empregados no tratamento da obesidade*

Muitos e bem antigos são os processos rapeutica da obesidade, mas só actu- rapeutica da obesidade, mas, só actualmente é que varios processos novos têm sido introduzidos no tratamento medico desse mal.

Um dos methodos empregados com bastante resultado na therapeutica da obesidade é o banho de luz, principalmente quando associado ao tratamento interno, opotherapico.

Nas mais importantes clinicas hospitalares de Berlim, Paris, Vienna e New York ha installações completas para as applicações dos banhos de luz. Os modernos apparelhos empregados para esse fim irradiam a luz localmente ou no corpo inteiro. Sendo assim, o emmagrecimento se effectuará nos logares desejados ou em todo corpo, conforme o caso a resolver.

Não resta a menor duvida que, com os recursos medicos de que hoje dispomos, o problema do tratamento da obesidade acha-se satisfactoriamente resolvido.

### UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....................

Rua ....................

Cidade ....................

Estado ....................

# A Nossa Casa

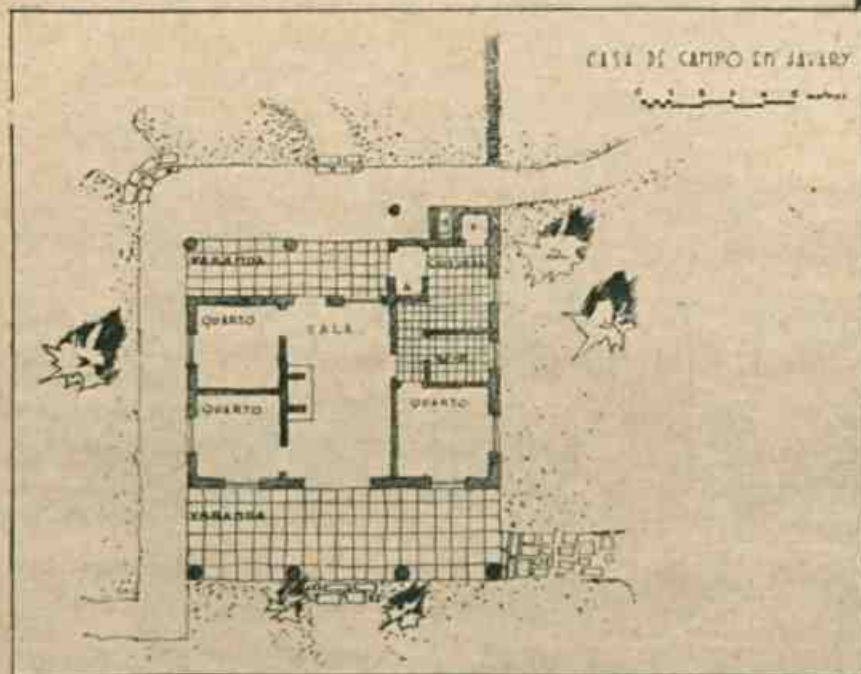
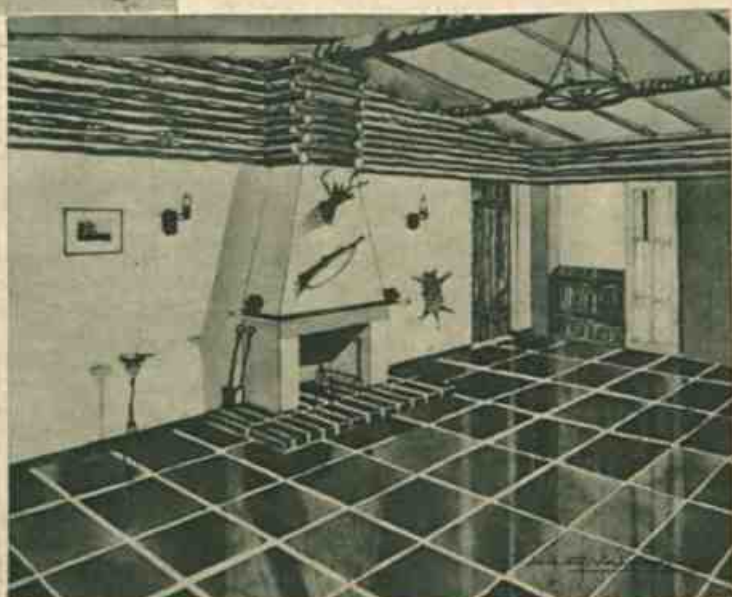
O telhado armado com um madeiramento, organizado por tronco de secções racionalmente estabelecidos de accordo com a finalidade, recebem por cobertura, telhas canaes, dispostas com symetria, mas permittindo-se o descuido de uma certa irregularidade, principalmente no beiral onde haverá o cuidado de uma disposição caracteristicamente tosca.

Nas esquadrias projectadas em forma de portas e janellas de calhas com travessões e pregos de acabamento grosseiro, não se descuidou do aspecto rustico de suas faces toscas e irregulares, bem como, o uso das tramellas e trancas de madeira em substituição ás ferragens.

APRESENTAMOS no numero de hoje uma casa para week-end, sobre a qual vamos fazer uma descripção, afim de que, observando as plantas publicadas, possam os leitores sentir o fino gosto e senso adequado com que foi projectada.

A planta baixa constituida de duas varandas amplas, ligadas pela sala apresenta tres quartos, banheiro, cosinha e dispensa, com todos os requisitos do conforto, organizados dentro do espirito rustico da construcção.

Esse rancho, como melhor podemos denominal-o, pelo muito que se approxima das construcções da região montanhosa do Alaska, será executado em alvenaria de tijolos até a altura das vergas das portas e janellas e teve externa e internamente todos os revestimentos em rustico adequadamente escolhidos. A partir das vergas citadas para cima, as paredes externas e internas serão concluidas pelo empilhamento de troncos de arvores descascadas de secção approximada de 0,15 m. com acabamento natural, deixando-se realçar em sua originalidade as irregularidades da madeira.

Nas varadas os montantes que servem de apoio ao telhado de duas aguas asymetricos, são troncos de arvores convenientemente preparadas e de secção de 0,25 m.

A par das adaptações de conforto moderno, attenciosamente cuidadas, os autores da idéa em sua organização, tiveram o zelo de projectal-as em perfeito accordo com as directrizes traçadas, fazendo de modo pittoresco como representa a perspectiva, o aproveitamento de uma velha roda de carroça sustentada por correntes, como um lustro de sala. Esse ambiente auxiliado pelo acabamento rustico das paredes e tectos, pela pavimentação de tijolos em forma de lages, com o fogão technicamente construido, as decorações adequadas, o mobiliario tosco, as pelles, quadros e armas applicadas sobre as paredes, diz do saber especial que bem representa esse rancho no seu conjuncto de mystico encantamento.

Os futuros proprietarios de residencias de campo deveriam confiantemente procurar o architecto, para oriental-os sobre o modo mais apropriado de organizar o seu projecto, evitando assim as desastradas construcções que tão habitualmente vemos feitas nas estações de verão, fugindo assustadoramente ao senso architectonico.

O projecto publicado é de autoria do escriptorio technico de construcções de Luiz Derenne & Irmão, sito á rua S. Pedro nº 62-1º andar, a cujo cargo entregamos esta secção.

O CARNAVAL EM CAMBUQUIRA — Realisou-se na segunda-feira de Carnaval um baile a fantasia no Hotel Silva em Cambuquira, que obteve um successo invulgar. Compareceram ao mesmo o General João Gomes Ribeiro e familia, o Dr. Brandão, prefeito da cidade, Dr. Jorge de Lima, prof. Murillo de Carvalho, além da fina sociedade cambuquirense e hospedes dos demais hoteis da cidade. O cliché acima mostra a fachada do Hotel Silva ornamentada e um grupo de hospedes.



# NEM TODOS SABEM QUE...

EM quasi todos os jornaes de outrora sahiam palpites para o "jogo do bicho" e havia folhas dedicadas exclusivamente aos afficionados desse systema de "ganhar na certa" dinheiro por dez réis de mel coado... Dos palpiteiros "infalliveis" lembramo-nos do "Jagodes", que trabalhava para a "Gazeta de Noticias", dando os palpites em versos.

Hoje, que é dia fagueiro,
E' necessario que tu
Ponhas todo o teu dinheiro
No camello e no perú.

Este palpite é complicado.
Mas vê si podes entendel-o;
Joga no mano do camello
E mais no mano do veado.

O mais cotado dos matutinos de bicheiros era, entre 1901 e 1907, "A Mascotte". Era tão grande a quantidade de palpites que dava quanto o numero de bichos... Dest'arte, ninguem podia contestar a superioridade da "Mascotte" sobre os diarios congeneres.

* * *

A 5 de Outubro, foi inaugurada no castello de Bourdonné, proximo de Houdan (França) uma placa commemorativa do trespassa, ali, de José Maria Heredia, o magno cantor de "Trophéos". O historiador Gabriel Hanotaux leu fragmentos de uma carta inedita do poeta á sua filha, a sra. Henri de Régnier, carta escripta aos 14 de agosto de 1905. Evocando o poetico recanto onde se extinguiu, Heredia escreve: — "Este Bourdonné é um parque encantado; um logar paradisiaco, entre lagos, sem mosquitos, sem neblina, sem humidade, povoado de passaros que, desgraçadamente, eu não ouço cantar, mas perfumado de flores, que eu vejo, que eu respiro... Ha um martim-pescador que apparece, todas as noites, por volta das 7 horas e meia, na terrasse, de regresso a seu ninho e que, por vezes, de manhã, vem ver-me junto á fonte do bosque onde passo as horas a contemplar os desenhos do sol sobre os troncos, nas folhas que o vento agita, e na agua immovel..."

# JOGOS E PASSATEMPOS

## PROVERBIOS

SYLLABAS

a — a — a — ah — al — ba — ba — ba — ba — can — co — con — cho — di — du — es — em — fé — ga — jah — ia — la — lei — lac — mar — mi — mel — na — net — o o — o — ra — rad — res — sa — te — tes — til — to — to — xy.

SIGNIFICADOS — CHAVES

1 — Nome chimico do azeite; 2 — Trigo de que se faz farinha muito alva; 3 — Cidade do Tigré; 4 — Ilha da America Central, nas Antilhas hollandezas; 5 — Capital da ilha de São Domingos; 6 — Enxadão; 7 — Sobrenome de um official do exercito brasileiro; 8 — O mesmo que quimgombô; 9 — Pau curto, cacete; 10 — Filho de Agamemnon; 11 — Choque; 12 — Cinto dos sacerdotes israelitas; 13 — Especie de buzio; 14 — Bebida refrigerante; 15 — Principe indiano; 16 — Especie de torquez de pau para apertar os pentes.

**Dicc. Simões da Fonseca e Enc. Internacional.**

**Composição de ABDULLAH**

II

SYLLABAS

a — a — a — ba — bi — bra — bu — ca — ço — da — da — de — do — e — en — es — for — gas — gar — la — lar — li — lo — lon — ma — man — me — mis — na — ne — nha — no — no — no — nu — o — ou — pa — pa — quen — ra — rau — re — ri — ru — se — tau — te — te — te — te — to — tu — u — ur.

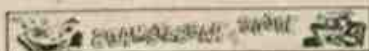
SIGNIFICADO — CHAVES

1 — Gavinha; 2 — Comichão; 3 — Policia civil; 4 — Afastar; 5 — Bom, optimo; 6 — Decadencia; 7 — Toucinho; 8 — Ilha do Estado da Bahia; 9 — Estalagem; 10 — Aguapé; 11 — Imbecil; 12 — Expressivo; 13 — Começo; 14 — Relação minuciosa; 15 — Que tem forma de aza; 16 — Grande rio da Europa; 17 — Especie de lagarto voraz; 18 — Bordoada.

**Diccionario — Jayme de Séguier**
**Composição de LUSITANO**

### CONDIÇÕES PARA CONCORRER

São condições para concorrer a este torneio: Enviar a solução em uma unica folha de papel que, só servirá para este fim; fazer acompanhar a solução do coupon n. 117 e do endereço completo do concurrente, bem como seu nome ou pseudonymo; enviar em enveloppe fechado ao endereço: **Jogos e Passatempos — O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34; Rio**, até o dia 27 de Março, data do encerramento.

O resultado será publicado no O MALHO do dia 8 de Abril e distribuiremos 10 premios por sorteio, entre os concurrentes que enviarem soluções rigorosamente certas.

COUPON N. 117
PROVERBIOS

### CONTEMPLADOS NO TORNEIO N. 111 PROVERBIOS

**Districto Federal**

LUIZ JORGE — Rua Parahyba, 9 — sobrado.

CARMITA — Rua Ferreira Vianna, 26 — Flamengo.

**S. Paulo**

ERDENER FRANCO — Caixa Postal, 566 — Santos.

A. XAVIER — Caixa Postal, 19 — Campinas.

**Rio G. do Sul**

CELINA PINTO — Rua 24 de Maio, 376 — Rio Grande.

**Ceará**

JOSÉ CARLOS FERREIRA — Rua do Rosario, 175 — Fortaleza.

**Minas Geraes**

DORA WOODS DE LACERDA — Rua Gabriel Santos, 16 — Ouro Preto.

**Espirito Santo**

ALVARO CUNHA — Rua 7 de Setembro, 8 — Victoria.

**Rio de Janeiro**

CALEPINO — Rua Santos Dumont, 931 — Petropolis.

**Goyaz**

RAYMUNDO M. DOS SANTOS — Pr. Dr. Cavalcanti, 496 — Pires do Rio.

### CORRESPONDENCIA

PEDRO DE SOUZA (S. Paulo) — Gostariamos que explicasse melhor a sua suggestão sobre a forma de distribuir os premios "obedecendo ás altas inspirações e dictames da Justiça, da Razão, da Arte e da Moral Christã". Embora o processo nos pareça complicado, estamos dispostos a estudal-o. Póde ser que a innovação seja interessante, mas aqui ninguem entendeu nada...

**Solução exacta do torneio nº 111**

1 — Quedo; 2 — Urias; 3 — Eridano; 4 — Minerva; 5 — Diluvio; 6 — Amos; 7 — Antonio; 8 — Onofre; 9 — Sobre; 10 — Paginas; 11 — Orco; 12 — Barca; 13 — Remo; 14 — Erinnes; 15 — Sanfeno; 16 — Entomophilo; 17 — Morrer; 18 — Primazia; 19 — Rede; 20 — Entalho; 21 — Sansão; 22 — Tenro; 23 — Anjos; 24 — Angulo; 25 — Drepano; 26 — Empada; 27 — Ulysses; 28 — Sal.

### SOLUÇÃO

**Iniciaes:** Quem dá aos pobres empresta a Deus.

**Quartas:** Dá Deus o frio conforme as roupas.

## O MALHO

### GRATIS POR UM MEZ

Procedemos ao 9º sorteio entre os inscriptos na Galeria dos Decifradores, isto é, entre todos os que têm enviado suas photographias com o endereço completo, e foi sorteado o seguinte concurrente:

**Dorival R. Ferreira** — Residente á rua João Boemer n. 176 — S. Paulo.

Este concurrente, conforme o estabelecido, vae receber, gratuitamente, O MALHO nas quatro semanas do mez de Março.

Decifrador Dorival R. Ferreira que vae receber O MALHO gratis no mez de Março.

# ENXOVAL do BEBÊ

O mais gracioso e original enxoval para recem-nascido, executa-se com este Album. 40 PAGINAS COM 100 MOTIVOS ENCANTADORES para executar e ornamentar as diversas peças acompanhadas das mais claras explicações, suggestões e conselhos especialmente para as jovens mães. Em um grande supplemento encontram-se, além de lindissimo risco para colcha de berço e um de édredon. 12 MOLDES EM TAMANHO DE EXECUÇÃO para confeccionar roupinhas de creança desde recem-nascida até a edade de 5 annos.

**"O ENXOVAL DO BÉBÉ" É UMA PRECIOSIDADE.**

A' venda nas livrarias - Pedidos á Redacção de **Arte de Bordar - Travessa do Ouvidor, 34** Rio de Janeiro --- Caixa Postal 880

PREÇO EM TODO O BRASIL

6$

# ALBUM para NOIVAS

Contendo a mais moderna e completa collecção de artisticos motivos para execução de primorosos enxovaes de noiva. Lindos modelos de lingerie fina, pyjamas, liseuses, peignoirs, kimonos, camisas de dormir combinações, etc., e lindos desenhos para lençóes, toalhas de mesa, guarnições de chá, tapetes, cortinas, stores, tudo em tamanho de execução.

O album vem acompanhado de um duplo supplemento contendo um incomparavel desenho de

**UMA COLCHA PARA CASAL**

EM TAMANHO DE EXECUÇÃO E TODOS OS MOLDES AO NATURAL DE TODAS AS PEÇAS DE LINGERIE FINA

**Pedidos á redacção de "Arte de Bordar" - Trav. do Ouvidor, 34-Rio**

6$

PREÇO EM TODO O BRASIL

# PONTO DE CRUZ

**Um líndo album contendo 100 lindos motivos de**

## PONTO DE CRUZ

**EDIÇÃO DE ARTE DE BORDAR**

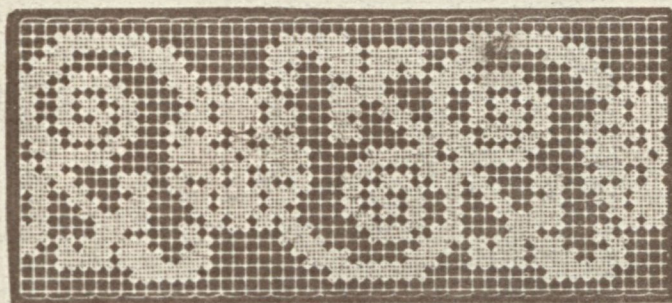
**que apresenta um famoso encadeamento de motivos, de trabalhos, de sugestões a serem feitos com o simples e mais singelo dos pontos**

**O PONTO DE CRUZ**

A' venda em todas as livrarias

Pedidos á redacção de ARTE DE BORDAR Trav. do Ouvidor, 34-Rio

3$

*Preço em todo o Brasil*

# FILET

UM LUXUOSO ALBUM EDITADO PELA BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

O melhor presente para as senhoras, o mais bello thesouro de arte em "filet". ▪ 150 motivos, em diversos estylos, que tambem poderão ser executados em "Crochet" e Ponto de Cruz. ▪ A mais variada collecção de trabalhos de "filet" até hoje editada.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á redacção de ARTE DE BORDAR Trav. do Ouvidor, 34-Rio

*Preço em todo o Brasil*

5$